



**Plural**

Planeamento Urbano, Regional  
e de Transportes, Lda.



1ª REVISÃO DO  
**PLANO DIRECTOR MUNICIPAL  
DE VILA FRANCA DE XIRA**

**ANÁLISE E DIAGNÓSTICO**

Caderno II – Condições Económicas e  
Sociais  
Volume I

JULHO de 2004

**CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA**

1ª REVISÃO DO  
**PLANO DIRECTOR MUNICIPAL  
DE VILA FRANCA DE XIRA**

**ANÁLISE E DIAGNÓSTICO**  
Caderno II – Condições Económicas e  
Sociais  
Volume I

JULHO de 2004

**CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA**

**ÍNDICE:**

<b>1. NOTA INTRODUTÓRIA</b>	<b>4</b>
<b>2. DIAGNÓSTICO DEMOGRÁFICO E SOCIO-ECONÓMICO</b>	<b>7</b>
2.1 INTEGRAÇÃO METROPOLITANA E REGIONAL	7
2.2 NOVAS DINÂMICAS: POTENCIAL DEMOGRÁFICO E MOBILIDADES	8
2.3 DINÂMICA DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS	11
2.4 MERCADO LOCAL DE EMPREGO E QUALIFICAÇÕES	17
2.5 QUALIDADE DE VIDA URBANA E COESÃO SOCIAL	22

**Anexo Demográfico**

---

## 1. NOTA INTRODUTÓRIA

O desenvolvimento deste capítulo no âmbito de um Plano Director Municipal visa o conhecimento da realidade sócio-económica, através do apuramento e análise de indicadores económicos e sócio-demográficos que, ao permitirem interpretar a estrutura e tendências de um território, permitem fundamentar a definição de uma estratégia de desenvolvimento económica e social, consonante com a realidade territorial/urbanística e humana, que deverá integrar as propostas do PDM.

Interpretando de forma adequada as questões complexas que se colocam à correcta definição das estratégias de desenvolvimento de um Concelho, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira decidiu, paralelamente ao processo de revisão do PDM, elaborar o Plano Estratégico Concelhio. Este plano está concluído e data de 2003, sendo objectivo da autarquia que este documento seja aprovado até finais de 2004.

O Plano Estratégico Concelhio identificou um conjunto de potencialidades e debilidades definidores de um DIAGNÓSTICO que se constituiu como o quadro de referência orientador das políticas, projectos e investimentos a concretizar a curto/médio prazo no município de Vila Franca de Xira.

Tendo por base este enquadramento e face ao actual momento do processo de realização do Plano Director Municipal, entendeu-se que o Diagnóstico efectuado no Plano Estratégico, deveria ser o suporte do presente capítulo, não se justificando a realização de novos estudos, que forçosamente levariam às mesmas conclusões, dada a actualidade daquele Plano.

Assim, o conteúdo deste capítulo é integralmente extraído daquele documento, sendo, no entanto, apresentadas apenas as temáticas nele contidas que, objectivamente, caracterizam a realidade sócio-económica, sendo que naquele documento foram também diagnosticados outros domínios da realidade local, nomeadamente, o ambiente, os transportes e acessibilidades, a rede urbana e as redes de equipamentos. Por existirem capítulos próprios para estas temáticas, no PDM, optou-se pela selecção da abordagem sócio-económica, para não haver repetição de conteúdos, sendo certo, em contrapartida, que a leitura integral do documento de diagnóstico do Plano Estratégico, permite uma leitura mais abrangente e global das várias componentes da realidade concelhia.

O Plano Estratégico Concelhio, no documento de Diagnóstico, está estruturado em dez pontos, designados globalmente "Vila Franca de Xira – dez olhares de síntese", nomeadamente: 1 – Condicionantes naturais e locativas – uma posição singular; 2 – Integração metropolitana e regional; 3 - Novas dinâmicas: potencial demográfico e mobilidades; 4 – Contornos da expansão e da estrutura urbana; 5 – Redes de Equipamentos e áreas de influência; 6 – Dinâmica das actividades económicas; 7 – Mercado local de emprego e qualificações; 8 – Qualidade de vida Urbana e coesão social; 9 – Ordenamento urbano e territorial: dos instrumentos de regulação às tensões imobiliárias; 10 – Balanço das Potencialidades/Debilidades e Oportunidades/Ameaças.

O presente diagnóstico demográfico e sócio-económico incluirá, então, os seguintes pontos:

- Integração metropolitana e regional;
- Novas dinâmicas: potencial demográfico e mobilidades;
- Dinâmicas das actividades económicas;
- Mercado local de emprego e qualificações;
- Qualidade de vida urbana e coesão social.

Optou-se, ainda, pela construção de um Anexo Demográfico, relativamente exaustivo, com dados estatísticos que suportam a evolução ocorrida no município de Vila Franca de Xira, entre 1991 e 2001, e, sempre que possível, com dados comparativos com a sub-região em que o concelho se integra e com desagregação à freguesia.

Não obstante o contexto de elaboração da presente Revisão do PDM de Vila Franca de Xira, a Câmara Municipal sugeriu que se introduzissem umas breves notas relativamente a alguns aspectos referidos no Plano Estratégico. Dada a relevância das referidas observações e para não se alterar o conteúdo do Plano Estratégico, que tem uma data e um autor, optou-se por apresentá-las no presente ponto introdutório.

Persiste a ideia (no PE) das freguesias da parte sul do concelho integrarem as freguesias de Vila Franca de Xira e Alhandra quando na realidade isso não acontece, sendo que as freguesias a sul do concelho são Vialonga, Forte da Casa e Póvoa de Santa Iria, cujos crescimentos populacional e habitacional são diferenciados das outras duas freguesias (Vila Franca de Xira e Alhandra). Por outro lado, a estrutura da população é um importante indicador das diferenças entre estas freguesias, apesar de todas fazerem realmente parte do mesmo contínuo urbano/industrial.

Assim, Póvoa de Santa Iria, Forte da Casa e Vialonga caracterizam-se por terem um importante peso de população jovem, em paralelo com baixos índices de envelhecimento. Estes indicadores são, aliás, o reflexo de se constituírem como freguesias atractivas, com aglomerados urbanos recentes, onde se verifica uma grande oferta imobiliária, assumindo-se claramente como dormitórios e onde predominam os escalões etários activos.

A freguesia de Vila Franca de Xira, não se podendo considerar esta freguesia como “dormitório da capital”, à imagem do que acontece com as freguesias referidas anteriormente, caracteriza-se por possuir uma significativa faixa etária de população activa. No entanto, a sua taxa de fecundidade baixa (quando comparada com a média do concelho) e o significativo índice de envelhecimento, fazem prever uma evolução no sentido do envelhecimento. De forma semelhante se pode caracterizar a freguesia de Alverca.

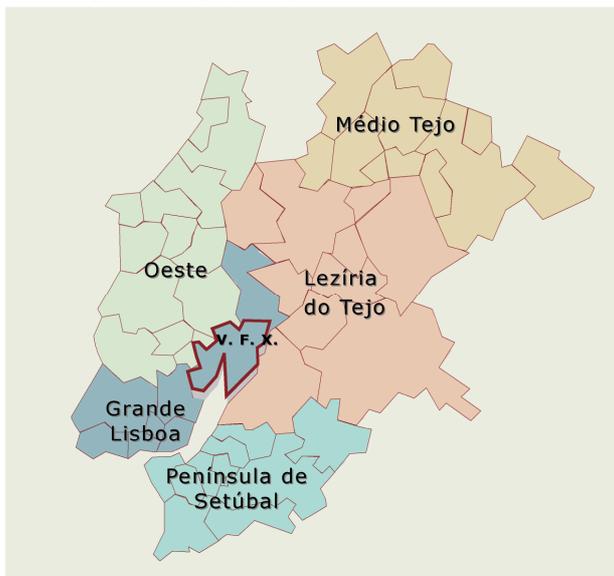
A freguesia de Alhandra integra-se num grupo de freguesias (com Cachoeiras e Calhandriz) caracterizadas globalmente por terem os índices de envelhecimento mais altos do concelho, pouca população, e sobretudo jovem, características típicas de aglomerados antigos.

Outro aspecto que se pretende esclarecer é o de que as grandes diferenças que se verificam no concelho não acontecem entre o Norte e o Sul, mas antes entre a área ribeirinha e o interior do concelho devido essencialmente às características topográficas/morfológicas e, conseqüentemente, ao traçado de toda a rede viária e ferroviária.

## 2. DIAGNÓSTICO DEMOGRÁFICO E SOCIO-ECONÓMICO

### 2.1 INTEGRAÇÃO METROPOLITANA E REGIONAL

Figura 1: Integração regional de Vila Franca de Xira



O concelho de Vila Franca de Xira insere-se administrativamente no distrito de Lisboa e estatisticamente na NUT III, Grande Lisboa. Vila Franca de Xira é, também, um dos 18 concelhos que compõem a Área Metropolitana de Lisboa, contribuindo de forma relevante para que esta ocupe a posição de principal centro polarizador de actividades, fluxos e emprego do território nacional.

O Concelho sempre desempenhou a função de eixo de passagem, ou de espaço canal, de um importante conjunto de fluxos decorrentes dos efeitos centrífugos e centrípetos originados pela Capital e veiculados, primeiro pelo Rio Tejo, em

seguida pelo caminho de ferro e, posteriormente, pela auto-estrada. Estes fluxos, essencialmente estabelecidos com o Centro e Norte do País, vieram a ser complementados com as ligações para Sul, nos anos 50, mercê da Ponte Marechal Carmona.

Em resultado da evolução demográfica e urbana, Vila Franca de Xira constitui-se, actualmente, como um dos *“dedos da pata de ave”* (PROT-AML) que caracterizam a evolução urbana na AML-Norte, dando continuidade à tendência para o crescimento e densificação das áreas sub-urbanas.

Simultaneamente, importa ter presente que Vila Franca de Xira se situa num território para onde confluem realidades geográficas bastante distintas, contactando com concelhos com dinâmicas e estruturas sócio-económicas muito diferenciadas, induzidas seja pelas diversas posições relativamente a Lisboa, seja pela presença de eixos de transporte com significado regional ou supra-regional, seja, ainda, pelos sectores motrizes das economias locais. Esta situação, entre outras, concorre não só para dificultar processos de cooperação e coesão intermunicipais, mas também para explicar, em parte, algumas das diferenças intra-concelhias existentes: os contrastes entre o Norte e o Sul do Concelho; as profundas diferenças entre as duas margens do Rio Tejo, ou seja, a clivagem entre o campo e a cidade, entre o mundo rural e a metrópole.

Para além disso, os concelhos considerados interlocutores privilegiados de Vila Franca de Xira, dada a proximidade geográfica e apesar das diferenças, acabam por ser fundamentais no âmbito da Área Metropolitana

Central e Periferia Metropolitana (PROT-AML), sendo, cada vez mais, elementos relevantes na estruturação da AML, uma vez que o desenvolvimento das acessibilidades tem conduzido a um progressivo alargamento da AML (para Oeste, ao longo do Vale do Tejo e em direcção ao Alentejo).

Neste contexto, é claramente evidente o **reposicionamento de Vila Franca de Xira no contexto metropolitano e a crescente importância do seu papel de charneira** entre realidades territoriais de feições mais dinâmicas e urbanas e outras, mais marcadas por factores de inércia e de ruralidade. Este facto, para além de ajudar a compreender as assimetrias entre os vários espaços do Concelho, permite, igualmente, enquadrar e conferir racionalidade aos objectivos estratégicos definidos no PDM de Vila Franca de Xira: *qualificar o papel do Concelho na AML, subalternizando a função de “espaço canal” à de prolongamento da cidade de Lisboa, a Sul, e salvaguardando o papel de plataforma de articulação com a AML e o País, a partir do vértice formado, a Norte, com o Carregado.*

## 2.2 NOVAS DINÂMICAS: POTENCIAL DEMOGRÁFICO E MOBILIDADES

A evolução da população em Vila Franca de Xira acompanhou, a partir dos anos 60, em grande medida e com particular intensidade, o aumento das acessibilidades e o crescente ritmo de construção que têm vindo a caracterizar o processo de crescimento e de integração dos concelhos periféricos na AML. A estes elementos juntou-se a tendência clara de alargamento da área de influência da AML, enquanto pólo de emprego (com aumento da distância casa-trabalho) e, mais recentemente, a realocização de um conjunto significativo de unidades produtivas para fora da capital.

Apesar do concelho de Vila Franca de Xira ter **vido a registar nas últimas décadas significativos aumentos populacionais** (passou de 103 571 habitantes, em 1991, para 122 908, em 2001, numa variação de +18,7%), reforçando, inclusive, o seu peso relativo face aos outros concelhos da AML, é importante salientar o abrandamento desse ritmo nos últimos anos.

À semelhança de outros concelhos periféricos em que a **função residencial tem apresentado um comportamento explosivo**, os ritmos de crescimento efectivo que Vila Franca de Xira observou devem-se, sobretudo, aos efeitos de sub-urbanização, derivados de intensos movimentos migratórios, principalmente de população jovem e com menores rendimentos que encontra no Concelho factores favoráveis para a aquisição de habitação, designadamente no que se refere ao custo das casas.

Na verdade, tendo em atenção que o mercado habitacional de Vila Franca de Xira era, até há bem pouco tempo, constituído essencialmente por uma oferta habitacional bastante desqualificada, não é de estranhar que o Concelho tenha representado uma alternativa residencial para um grande número de famílias com capacidades económicas relativamente débeis, situação essa com reflexos evidentes no domínio social.

É, ainda, necessário destacar a **elevada taxa de crescimento natural** registada no Concelho face a outras unidades territoriais, facto que ficará certamente a dever-se aos referidos fluxos de fixação de população jovem, que têm provocado importantes alterações na estrutura etária concelhia.

Neste sentido, é possível constatar que, embora o escalão etário dos 0 aos 14 anos venha (como é tendência generalizada) a perder população, todos os restantes grupos têm aumentado. Esta constatação, aliada ao facto dos grupos etários entre os 0 e os 24 anos possuírem pesos relativos superiores aos restantes Concelhos da AML, conduz à conclusão que, em termos de estrutura etária, está-se perante um Concelho que alia um forte dinamismo demográfico a uma **população estruturalmente mais jovem** que, conseqüentemente, apresenta sintomas de envelhecimento menos intensos do que as restantes unidades geográficas consideradas.

Esta situação tem, entre outros aspectos, repercussões ao nível da população em idade activa, não só no que se refere ao padrão de elevada taxa de actividade que a população residente apresenta (cada vez maior integração deste Concelho na lógica metropolitana), mas também, dada a crescente capacidade de retenção dos residentes que o Concelho tem demonstrado, no que se refere ao emprego e à crescente tendência para o rejuvenescimento da população em idade activa.

A distribuição da população pelo Concelho mostra claramente:

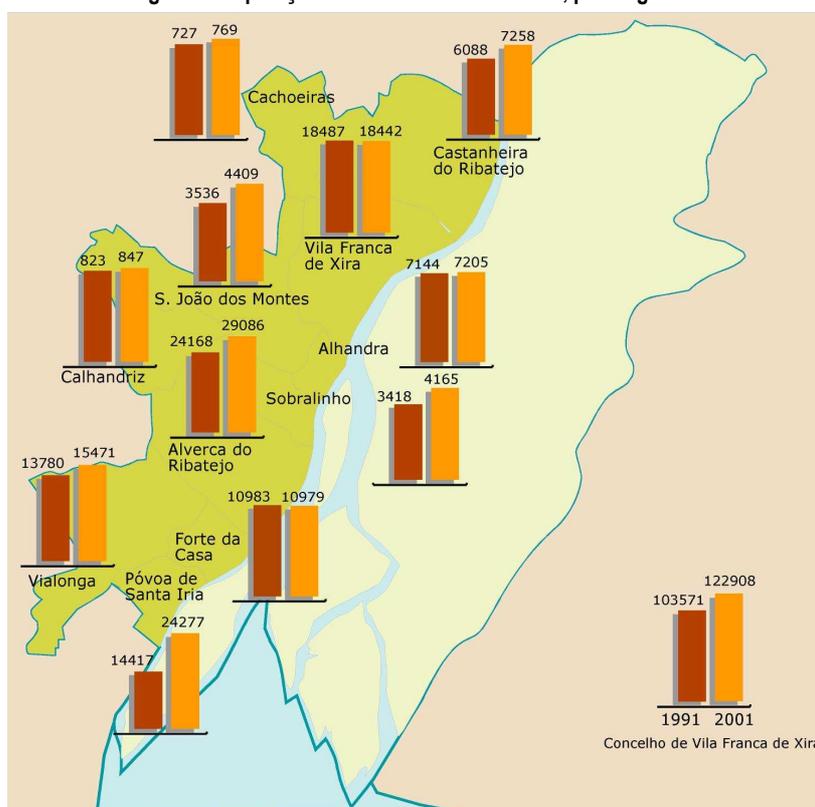
- uma significativa **concentração em lugares com mais de 5000 habitantes**, que é uma característica geral do nosso sistema de povoamento; e
- uma **ocupação territorial marcada por uma configuração linear**, derivada não só do desenvolvimento das vias de transportes (sobretudo, a estrada e a ferrovia), mas também da própria configuração e morfologia do território (a qual, de resto, influenciou decisivamente o traçado dessas vias).

Estas concentrações, quando pensadas à escala das freguesias, traduzem-se no destaque de Alverca, Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria, Vialonga, Forte da Casa e Alhandra, que estando situadas, sobretudo, na parte Sul do Concelho, prolongam a ligação a Lisboa e “funcionam” como dormitório da Capital. Apesar do crescimento que se tem verificado no domínio da criação de postos de trabalho no Concelho, é ainda notória a insuficiente fixação dos residentes em termos de emprego, facto que se reflecte no acréscimo das taxas de geração de fluxos com destinos externos.

Estas freguesias são, ao mesmo tempo, e como seria de esperar, dada a correlação positiva entre taxas de urbanização e juventude da população, as que apresentam uma estrutura etária – e de população em idade activa – mais jovem, sendo as restantes marcadas por taxas de envelhecimento claramente superiores.

É importante reter que, não se introduzindo factores de correcção no âmbito do processo de revisão do PDM seria expectável, no quadro da expansão urbana do Concelho, um **acréscimo muito importante das áreas edificáveis**, sobretudo das vocacionadas para habitação, nas freguesias a Sul, sobretudo, no Forte da Casa, Sobralinho e Alverca do Ribatejo, pelo que as características enunciadas tendem a manter-se ou podem mesmo acentuar-se nos próximos anos.

**Figura 2: População residente em 1991 e 2001, por freguesia**



Fonte: INE, XIII, XIV Recenseamentos Gerais da População, 1991, 2001.

Na verdade, e analisando somente o aumento populacional gerado pelo preenchimento das áreas edificáveis ressalta que, a manter-se o ritmo actual de ocupação dos espaços edificáveis nas freguesias urbanas, a **população do Concelho poderia crescer cerca de 40% em 20 anos**. Os principais aumentos populacionais esperados ocorreriam sobretudo nas freguesias do Sul do Concelho, acompanhando de resto a maior oferta de terrenos aptos para construção que aí existem, para progressivamente se estenderem às freguesias do Norte do Concelho. Este processo

traduzir-se-á num progressivo crescimento e consolidação do já existente continuum urbano-industrial desde a Póvoa de Santa Iria, a Sul, até à Castanheira, a Norte.

De acordo com as características referidas até aqui, não é difícil imaginar que a dimensão e os tipos de agregados familiares predominantes no concelho de Vila Franca de Xira, com as respectivas diferenças ao nível da sua repartição espacial, sigam a tendência de diminuição da dimensão média do agregado familiar registada no cômputo geral da AML e do País. No caso de Vila Franca de Xira, enquanto concelho onde existe uma maior representação relativa da população jovem em idade activa, é notório que a **dimensão média do agregado**

**familiar é, ainda, relativamente alta**, o que reflecte a importante relação que as estruturas familiares têm com a composição social e etária.

As dinâmicas observadas durante a década de oitenta, relativamente às deslocações casa/trabalho ou estudo, revelam de forma inequívoca o acentuar da função residencial no concelho de Vila Franca (taxa de crescimento da geração de viagens acima dos 38%), ainda que o crescimento da capacidade atractiva (em termos de deslocações casa/emprego e casa/escola) tenha registado uma variação positiva (18%). Assim, enquanto a grande maioria dos concelhos da AML registou taxas de variação da atracção de viagens superiores às da geração, Vila Franca, pelo contrário, apresenta uma maior diferença em favor das deslocações pendulares para outros concelhos.

A observação anterior é ainda confirmada pela variação registada, de 1981 para 1991, na capacidade do Concelho em fixar a sua população residente activa (71,5% dos residentes deslocavam-se dentro do Concelho, em 1981, baixando, em 1991, para 63,6%), apesar de na estrutura do emprego do Concelho, no mesmo período, se ter verificado um ligeiro aumento da participação da sua população residente(+3,4%).

No que respeita às alterações verificadas ao nível dos destinos da população residente activa de Vila Franca de Xira, salienta-se um aumento dos fluxos em direcção a Lisboa (+5,2%) e a Loures (+1,9%), não sendo significativas aquelas que afectaram os restantes concelhos de destino da AML. Por outro lado, e considerando Vila Franca de Xira como o destino das viagens produzidas ao nível dos 18 concelhos da AML, verifica-se que são aqueles mesmos concelhos (Lisboa e Loures) os que menos deixam de contribuir para a capacidade atractiva de Vila Franca, a qual, entre 1981 e 1991, se mantém quase inalterada, com uma participação de cerca de 3% da atracção de viagens para trabalho ou estudo relativamente ao total da AML, enquanto no que respeita à geração de viagens (população residente no Concelho que se desloca para trabalhar ou estudar), aquela participação passa de 3,4%, em 1981, para 4,0%, em 1991.<sup>1</sup>

## 2.3 DINÂMICA DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

O concelho de Vila Franca de Xira registou ao longo do século XX mudanças profundas nas actividades económicas dominantes e zonas de implantação das mesmas.

No virar do século, na área ocupada actualmente pelo concelho de Vila Franca, predominavam actividades de carácter rural e, na zona ribeirinha, também as piscatórias. A chegada da linha de caminho-de-ferro ao Concelho, em 1856, ligando-o a Lisboa, tornou-se um factor-chave para o seu desenvolvimento, através da atracção de unidades industriais que valorizavam na sua instalação a infra-estrutura ferroviária. No início do

---

<sup>1</sup> No Caderno I (Introdução, Enquadramento e Contexto Regional e Metropolitano) este tema é alvo de uma análise efectuada com base nos resultados preliminares dos Censos de 2001, que são os únicos disponíveis para este caso, até à presente data.

século XX, intensificou-se a instalação industrial, destacando-se, pela sua dimensão, medida em área ocupada e em postos de trabalho criados, sobretudo nos sectores da metalomecânica, indústrias alimentares (oleaginosas, bebidas, compostos para animais,...), indústria de fibrocimento, indústrias químicas (produtos de higiene, matérias-primas químicas,...).

As profundas mutações sócio-económicas desencadeadas pela crise petrolífera dos anos setenta, tiveram fortes impactes em Vila Franca de Xira, com repercussões até aos nossos dias, assistindo-se a processos de: desindustrialização (redução do número de estabelecimentos, mão-de-obra e área ocupada); e recomposição das actividades industriais (perda de importância da indústria pesada vs. instalação de unidades industriais mais ligeiras e em ramos mais diversificados).

Vila Franca manteve-se, no entanto, como “**um centro de produção de importância nacional em diversos ramos industriais**”<sup>2</sup> e as actividades industriais ditas “pesadas” detêm, ainda hoje, um peso elevado como pólo empregador e como gerador de rendimento.

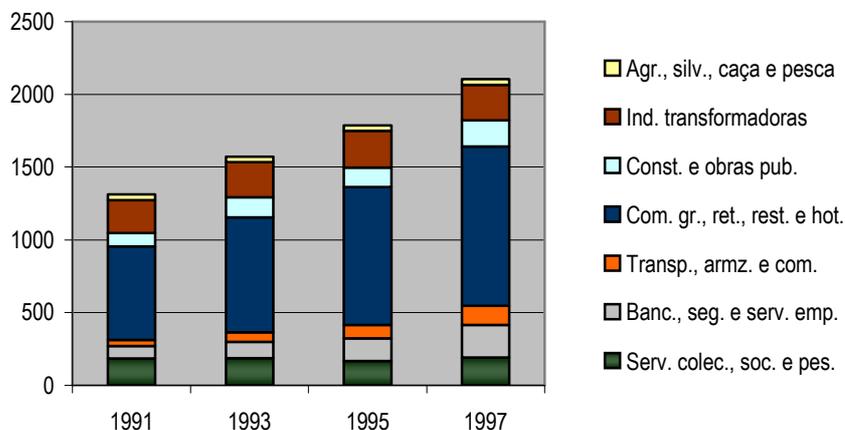
As consequências do processo de desindustrialização, em termos de postos de trabalho e de criação de rendimento, foram atenuadas pelo forte acréscimo do terciário, com destaque para o comércio, a retalho e por grosso, e para os serviços (sobretudo pessoais e colectivos).

A última década é marcada pelo acentuar destas tendências, com a indústria a diminuir significativamente os seus efectivos, embora com aumento do número de estabelecimentos, resultando numa contracção da sua dimensão média, apenas contrariada pelo terciário, a registar forte expansão em qualquer destes indicadores.

---

<sup>2</sup> Cf. Plano Director Municipal de Vila Franca de Xira. Estudos Prévios – “A Indústria Transformadora na Economia do Concelho”, pág. 8, 1990.

**Figura 3: Evolução sectorial do efectivo de estabelecimentos**



Fonte: DETEFP/MQE, Quadros de Pessoal.

No âmbito dos serviços revelam-se com particular expressão as actividades de armazenagem e transportes quer de carácter mais básico (armazenagem e distribuição de cargas indiferenciadas), quer no domínio da logística altamente especializada.

Ressalta também o forte acréscimo do sector da construção civil e obras públicas, consequência, por um lado, da enorme dinâmica de construção habitacional e, por outro lado, das intervenções das autarquias locais no espaço público.

Apesar do crescimento geral da actividade económica concelhia na última década, é reconhecido pelos agentes económicos locais e confirmado pelas dinâmicas sectoriais específicas que o passado económico do Concelho produziu efeitos ambivalentes na situação actual da economia do Concelho:

- por um lado, a actual base económica, e sobretudo a ligada à actividade industrial, é importantíssima para a manutenção do equilíbrio social e económico do Concelho (pela criação de emprego e pelo significativo contributo para a massa salarial concelhia) e encerra um conjunto de oportunidades não menosprezável (ligadas ao aumento da competitividade face à aposta quase generalizada em acções de modernização internas aos processos produtivos e fases posteriores da cadeia de valor);
- por outro lado, esta mesma base económica é responsável por uma imagem exterior do Concelho associada a indústrias pesadas, obsoletas e poluentes, com uma distribuição espacial desordenada, extremamente penalizadora da capacidade de atracção de novos estabelecimentos e, sobretudo, de actividades mais exigentes em espaços qualificados tanto ao nível da indústria, como do terciário.

O retracto actual do tecido produtivo do concelho de Vila Franca de Xira espelha, conseqüentemente, vários momentos da sua história e os fenómenos de recomposição sectorial, com fortes impactes na estrutura local de emprego. Vila Franca de Xira é hoje um concelho com um tecido produtivo extremamente diversificado, onde se complementam:

- a) Um **sector primário**, predominante na zona da Lezíria, onde se localizam propriedades bem estruturadas e com produtividades elevadas, a par de explorações de menor dimensão, mas, igualmente, com bons rendimentos. A proximidade de Lisboa e a existência de várias indústrias agro-alimentares na Região permitem um bom escoamento dos produtos, trazendo aos agricultores rendimentos superiores à média do sector e uma certa estabilidade na produção, embora a situação seja diferenciada consoante os produtos.
- b) Um **sector industrial**, que é ainda o principal empregador concelhio e a maior fonte de geração de rendimento, assente numa base económica diversificada, na qual se enquadram um conjunto de empresas dos ramos da indústria “pesada”, de grande dimensão, instaladas durante as décadas de cinquenta e sessenta, e pequenas e médias unidades, de origem mais recente. Apesar de uma imagem exterior menos positiva, a indústria tem vindo a reestruturar e a modernizar, apostando em novas áreas de actividade a jusante, com maior valor acrescentado, e adoptando estratégias de reforço da competitividade empresarial, com destaque para a modernização organizacional e de equipamento e para a aposta em actividades de Investigação e Desenvolvimento (I&D).
- c) Uma **fileira da construção civil** muito consolidada e em franca expansão, caracterizada por uma teia de actividades densa e completa, desde os ramos mais a montante, como a promoção imobiliária e os serviços de engenharia ou de arquitectura, até todos os trabalhos de acabamentos, comércio de materiais de construção e de equipamentos e actividades pós-venda. O sector estrutura-se em torno de 3/4 de unidades de maior dimensão, não só em termos do número de trabalhadores, mas também da sua capacidade de concretização de obras, aliando simultaneamente as funções de promoção e de construção imobiliária. Estas empresas recorrem normalmente à subcontratação, criando à sua volta uma rede de micro-empresas que cobrem um amplo leque de actividades de suporte, desde os níveis a montante (serviços de engenharia e arquitectura), até aos níveis a jusante (acabamentos, artigos de decoração e para o lar, imobiliárias, serviços pós-venda).
- d) Um **sector comercial**, em forte expansão, que se destaca na estrutura económica pelo peso crescente na estrutura empresarial e no emprego concelhio. No entanto, a actividade comercial não se distribui uniformemente pelo Concelho existindo uma concentração e maior diversidade nas áreas mais urbanas. Para além disso, o forte crescimento esconde um conjunto de

condicionantes, designadamente: (i) ao nível do perfil de comerciantes, devido às baixas habilitações, idade superior a 40 anos, e falta de capacidade financeira para investir; (ii) ao nível do interior e do exterior dos estabelecimentos, com debilidades na decoração, nos expositores, na apresentação da fachada, etc.; (iii) ao nível dos equipamentos disponíveis (desatualizados); e (iv) ao nível da área envolvente, assistindo-se a dificuldades de estacionamento, à falta de animação de rua, etc.. Neste sentido existe a necessidade, por um lado, de diversificar os ramos presentes nas zonas rurais e, por outro, de qualificar a oferta existente nos núcleos urbanos.

- e) Um **sector de serviços** em crescimento, mas marcado pela polarização entre micro-empresas ou instituições vocacionadas para a procura local, oferecendo serviços de carácter mais básico orientados para a população residente e empresas locais, e empresas de serviços com uma área de abrangência regional ou mesmo nacional, em muitos casos multinacionais (sobretudo, unidades ligadas ao ramo da logística). Neste segmento produtivo, tem vindo a assistir-se a uma relativa especialização do Concelho nas actividades de armazenagem, transportes e logística.
- f) Uma **fileira da logística** em plena expansão, quer em termos quantitativos quer qualitativos, observando-se um acréscimo significativo no número de empresas e efectivos a desempenhar estas actividades, assim como uma diversificação do tipo de serviços oferecidos. Estas actividades tendem a concentrar-se nos ramos dos transporte e armazenamento (ligados às actividades logísticas mais clássicas de puro manuseamento de cargas, armazenagem e transportes para a sua distribuição), no comércio por grosso (actividades de distribuição, altamente sofisticadas e especializadas, das grandes cadeias de distribuição; assim como unidades que concentram produtos diversos, por vezes de várias empresas, e funcionam como grandes distribuidoras/vendedoras a intermediários). As unidades logísticas a operar em Vila Franca de Xira podem, assim, ser agrupadas em empresas de prestação de serviços tradicionais ou operadores de logística integrada.

As empresas de prestação de serviços tradicionais oferecem um conjunto de serviços pouco diversificado e qualificado, concentrando, de um modo geral, uma única actividade logística, de transporte ou armazenagem, e pouco valor acrescentam à cadeia de distribuição. As empresas de logística integrada oferecem um conjunto de serviços muito especializado e qualificado, constituindo-se como verdadeiros centros de distribuição avançada, aptos a responder às necessidades específicas de cada cliente.

- g) Um **sector turístico** com potencial de desenvolvimento em segmentos específicos. Independentemente de Vila Franca não ser um Concelho de forte vocação turística, com reflexos, p.e., na quantidade e tipologia de oferta de alojamento disponível, existe um efectivo desfasamento entre os recursos potenciais (a ruralidade, a paisagem, as áreas verdes, o rio, as

tradições locais, ...) e aqueles que, até ao momento, foram efectivamente mobilizados para o desenvolvimento do Concelho. A proximidade de Lisboa tende a minimizar o potencial do segmento alojamento no Concelho, mas favorece uma lógica de visita e de integração em pacotes que associem a fruição da paisagem e elementos do património construído, à frequência de espectáculos (tauromaquia, galas equestres, ...) e às actividades da restauração. Estas componentes poderiam contribuir para a competitividade do sector, de modo a aumentar a respectiva contribuição para a diversificação da base económica concelhia.

**Quadro 1: Sociedades com Sede no concelho de Vila Franca de Xira, segundo a CAE-Rev.2 (dados a 31.12)**

<b>Actividades</b>	<b>1997</b>	<b>2000</b>	<b>Var. (%)</b>
Agricultura, Produção Animal e Silvicultura e Pesca	54	52	-3,7
Indústrias Extractivas	2	3	50,0
Indústrias Transformadoras	292	302	3,4
Indústrias Alimentares, Bebidas e do Tabaco	37	38	2,7
Indústria Têxtil	16	17	6,3
Indústria do Couro e dos Produtos do Couro	1	-	
Indústria da Madeira, da Cortiça e suas Obras	6	10	66,7
Indústrias de Pasta, de Papel e Cartão e seus Artigos; Edição e Impressão	35	36	2,9
Fabricação de Coque, Produtos Petrolíferos e Combustível Nuclear; Fab. de Produtos Químicos	16	19	18,8
Fabricação de Art. de Borracha e Mat. Plásticas	6	5	-16,7
Fabricação de Outros Prod. Minerais Não Metálicos	7	7	0,0
Indústrias Metalúrgicas de Base e Prod. Metálicos	91	95	4,4
Fabricação de Máquinas e de Equipamento, N. E.	38	40	5,3
Fabricação de Equipamento Eléctrico e de Óptica	23	19	-17,4
Fabricação de Material de Transporte	3	2	-33,3
Indústrias Transformadoras, N. E.	13	14	7,7
Produção e Distribuição de Electricidade, Gás e Água	2	2	0,0
Construção	284	354	24,6
Comércio Grosso e a Retalho; Reparação de Veículos	867	910	5,0
Alojamento e Restauração	259	281	8,5
Transportes, Armazenagem e Comunicações	194	228	17,5
Actividades Financeiras	6	6	0,0
Actividades Imob., Alug. e Serviços às Empresas	303	359	18,5
Outras actividades de serviços*	160	174	8,8
Actividades mal definidas	9	6	-33,3
<b>Total</b>	<b>2432</b>	<b>2677</b>	<b>10,1</b>

\* Administração Pública, Educação, Saúde e Acção Social e outras

Fonte: INE, Anuário Estatístico de Lisboa e Vale do Tejo, 1998, 2001.

No final da década de noventa, em termos globais, observa-se uma evolução positiva do volume de sociedades com sede no Concelho (crescimento de 10% entre 1997 e 2000) com significado mais expressivo nas extractivas, madeira, químicas, construção, transportes e armazenagem, actividades imobiliárias e serviços às empresas (crescimento superior à média).

## 2.4 MERCADO LOCAL DE EMPREGO E QUALIFICAÇÕES

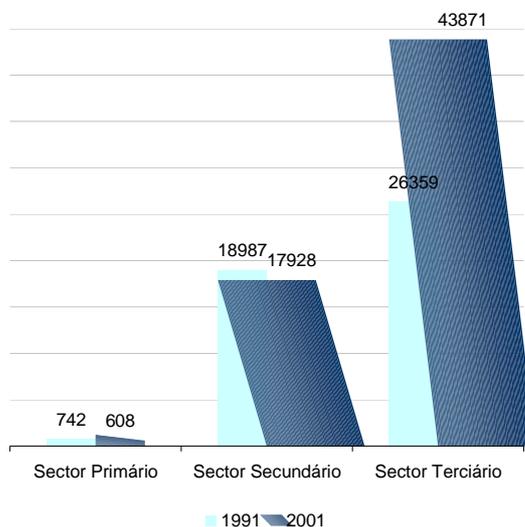
As dinâmicas demográficas, permitem constatar que Vila Franca de Xira possui um forte potencial de ‘stock’ em matéria de recursos humanos. Este potencial ressalta da leitura dos dados relativos à evolução e à estrutura da população residente, nomeadamente: forte crescimento da população residente; e pirâmide etária favorável, com uma população relativamente mais jovem do que a da AML, e um maior peso da população em idade activa, em contrapartida de um menor peso da população idosa.

As perspectivas de evolução da população concelhia, tendo em atenção quer as urbanizações previstas, quer as projecções demográficas, apontam claramente para a consolidação destas tendências positivas. Numa lógica estritamente quantitativa, pode concluir-se pela disponibilidade em Vila Franca de Xira de um amplo contingente de activos, actual e futuro, suporte para o desenvolvimento de investimentos em trabalhos intensivos. As tendências apontam, também, para a necessidade de criação de condições para a ocupação desta população no Concelho, sob pena de se agravar drasticamente o fenómeno de “dormitorização” e, por outro, de não se aproveitar o potencial de expansão e de qualificação do sector terciário (nos ramos dos serviços pessoais e comércio) associado a este acréscimo populacional.

O XIV Recenseamento Geral da População, de 2001, mostra que cerca de metade da população concelhia tem actividade económica (66884 indivíduos). Em termos de participação no mercado de trabalho a população feminina apresenta apenas um valor ligeiramente inferior (46,3%) ao correspondente masculino. Já quando se considera a população com actividade económica que se encontra no desemprego a situação inverte-se já que dos 6469 desempregados fixados pelo Censo apenas 1992 (30,8%) eram homens.

A estrutura do emprego da população residente mostra a presença de um conjunto muito amplo de empregados nas actividades terciárias, reunindo mais indivíduos que os outros sectores (43871). O facto destes valores só retractarem a população pelo local de residência, e não pelo local de trabalho, não permite concluir, nem por uma expansão tão violenta do terciário, nem pela redução que se verificou no sector secundário.

**Figura 4: População empregada e residente no concelho por sector de actividade em 2001**

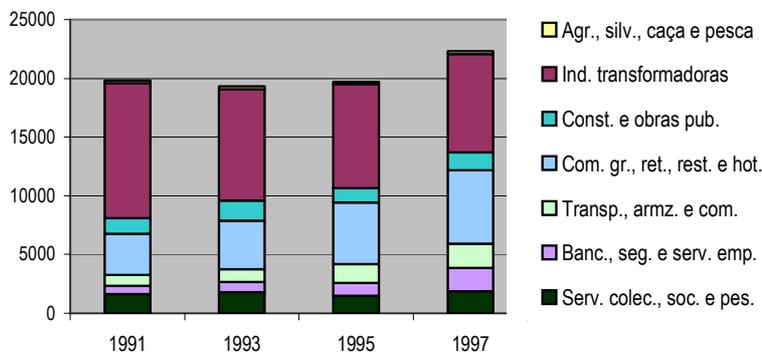


Fonte: INE, XIV Recenseamento Geral da População, 2002.

A importância do sector secundário na estrutura económica concelhia e, sobretudo, das indústrias “pesadas” e do sector dos transportes, tradicionalmente intensivos em trabalhadores masculinos era, em 1991, determinante no peso da mão-de-obra masculina. Informação mais recente, referente aos trabalhadores por conta de outrém, permite tirar as mesmas ilações. As mulheres estão, sobretudo, representadas nas actividades terciárias mais tradicionais (serviços colectivos, sociais e pessoais, saúde e acção social, educação, alojamento, restauração e comércio). As tendências nacionais e concelhias de redução no número de domésticas, permitem prever uma crescente integração da população feminina no mercado de trabalho.

Os dados relativos ao pessoal ao serviço nas sociedades sediadas no Concelho, apontam para uma evolução positiva com crescimento global superior a 15% destacando-se, com variação superior a esta média, as extractivas, as actividades transformadoras (químicas e minerais não metálicos e diversos, sobretudo), a construção e as actividades comerciais.

**Figura 5: Evolução do número de trabalhadores por conta de outrém**



Fonte: DETEFP/MQE, Quadros de Pessoal.

**Quadro 2: Pessoal ao Serviço nas Sociedades com sede no Concelho, segundo a Cae-Rev.2 (dados a 31.12)**

Actividades	1997	2000	Var. (%)
Agricultura, Produção Animal e Silvicultura e Pesca	270	317	17,4
Indústrias Extractivas	48	97	102,1
Indústrias Transformadoras	6913	8052	16,5
Indústrias Alimentares, Bebidas e do Tabaco	1469	1352	-8,0
Indústria Têxtil	156	158	1,3
Indústria do Couro e dos Produtos do Couro	-	-	
Indústria da Madeira, da Cortiça e suas Obras	63	31	-50,8
Indústrias de Pasta, de Papel e Cartão e seus Artigos; Edição e Impressão	162	158	-2,5
Fabricação de Coque, Produtos Petrolíferos e Combustível Nuclear; Fab. de Produtos Químicos	699	2306	229,9
Fabricação de Art. de Borracha e Mat. Plásticas	60	...	
Fabricação de Outros Prod. Minerais Não Metálicos	277	327	18,1
Indústrias Metalúrgicas de Base e Prod. Metálicos	1419	1141	-19,6
Fabricação de Máquinas e de Equipamento, N. E.	504	394	-21,8
Fabricação de Equipamento Eléctrico e de Óptica	280	172	-38,6
Fabricação de Material de Transporte	1712	...	
Indústrias Transformadoras, N. E.	112	186	66,1
Produção e Distribuição de Electricidade, Gás e Água	8	...	
Construção	1311	1834	39,9
Comércio Grosso e a Retalho; Reparação de Veículos	3818	5140	34,6
Alojamento e Restauração	871	870	-0,1
Transportes, Armazenagem e Comunicações	1752	2600	48,4
Actividades Financeiras	35	36	2,9
Actividades Imob., Alug. e Serviços às Empresas	3040	2134	-29,8
Outras actividades de serviços*	748	595	-20,5
Actividades mal definidas	17	...	
<b>Total</b>	<b>18831</b>	<b>21688</b>	<b>15,2</b>

\* Administração Pública, Educação, Saúde e Acção Social e outras

Fonte: INE, Anuário Estatístico de Lisboa e Vale do Tejo, 1998, 2001.

Em *síntese*, o crescimento da taxa de actividade de Vila Franca e uma dinâmica demográfica muito favorável apontam, numa análise estritamente quantitativa, para uma relativa vantagem em termos da disponibilidade de mão-de-obra no mercado de trabalho, o que coloca o Concelho numa posição favorável na captação de novas unidades, com necessidade de recrutar recursos humanos.

O volume de mão-de-obra disponível não encontra tradução em termos qualitativos. A análise das habilitações, em 2001<sup>3</sup>, permite constatar que 12,2% da população não possuía nenhum grau de instrução e 29,6% tinha apenas o 1º ciclo (antiga 4ª classe), contra uma pequena percentagem que possuía curso médio e superior

<sup>3</sup> INE, XIV Recenseamento Geral da População, 2002.

(10,6%). Estes valores, embora se enquadrem nas médias das diversas sub-regiões que agregam os concelhos da sua área envolvente, não deixam de ser preocupantes, sobretudo, pelo carácter condicionante face a estratégias de desenvolvimento mais exigentes em termos de recursos humanos qualificados.

A importância histórica aos níveis do sector industrial, caracterizado por uma estrutura etária envelhecida, associada à antiguidade dos trabalhadores, explica, em parte, os baixos níveis de habilitação dos trabalhadores. A necessidade eminente de substituição destes efectivos por outros mais novos e, simultaneamente, a introdução de novas tecnologias nos processos produtivos, deverão contribuir para alterar substancialmente a estrutura de habilitações da população empregada na indústria. O comércio, pelo contrário, talvez devido a ser o sector mais jovem do concelho de Vila Franca, apresenta níveis de habilitações dos trabalhadores mais elevados (efeito simples do cumprimento da escolaridade obrigatória).

De acordo com os dados dos Quadros de Pessoal, as qualificações oscilam entre o altamente qualificado e o qualificado, classes com um peso elevado no sector industrial, e o semi ou pouco qualificado. A população com um grau de qualificação indefinido está, sobretudo, presente no terciário. As maiores deficiências encontram-se ao nível dos quadros superiores, pouco expressivos na estrutura de qualificações do Concelho.

Da análise do sistema de emprego sobressai que a consonância entre os sub-sistemas escolar/formativo e o sistema produtivo local, é fundamental, no sentido de garantir uma maior adequação da formação às necessidades das empresas, ao mesmo tempo que permite assegurar uma melhor inserção e integração dos jovens no mercado de trabalho.

Apesar de a oferta educativa ter vindo a melhorar nos últimos anos apresenta, ainda, fragilidades em termos físicos, nomeadamente: concentração de equipamentos nas freguesias ribeirinhas; elevadas taxas de ocupação da maioria das escolas; necessidade de requalificação, ao nível da dotação de equipamentos e da conservação de edifícios e salas. A recente elaboração da Carta Escolar do Concelho, com a programação de um conjunto de intervenções para o futuro próximo, deverá alterar esta situação.

Em termos qualitativos, no ensino secundário, as cinco escolas existentes cobrem os quatro agrupamentos em que se divide o ensino secundário mais tradicional e oferecem cursos gerais, predominantemente orientados para o prosseguimento dos estudos; e cursos tecnológicos tendencialmente vocacionados para a imediata inserção no mercado de trabalho. Os alunos que frequentam o ensino secundário optam maioritariamente pelos cursos gerais, no entanto, tendo em consideração o que se verifica a nível nacional, salienta-se o número significativo que escolhe cursos tecnológicos. Relativamente à distribuição dos estudantes pelas diferentes áreas de estudo, observa-se uma sobrevalorização do agrupamento científico-natural, seguido do agrupamento humanidades.

O ensino tecnológico, que representa uma alternativa para os alunos que procuram adquirir uma formação profissional qualificada no fim do 12º ano e aceder directamente ao mercado de trabalho, com um diploma de qualificação profissional de nível 3, existe em todas escolas secundárias do Concelho. A oferta concelhia foi reforçada e diversificada nos últimos anos, existindo nove dos onze cursos em que se divide este tipo de ensino. De referir, contudo, que apesar do sector da construção civil ter um forte peso na estrutura económica concelhia e evidenciar uma dinâmica de crescimento positiva, esta é uma das áreas formativas não contempladas nas escolas do Concelho. Do mesmo modo, embora a indústria química possua ainda grande expressão como empregadora, a área da química também não integra a oferta de cursos tecnológicos.

O ajustamento desta oferta formativa às necessidades do mercado de trabalho e à estrutura empresarial do Concelho parece ser bastante positiva. A formação técnica especializada proporcionada por estes cursos, que escasseia no mercado de trabalho, aliada à disponibilidade e necessidade das empresas no recrutamento de pessoal qualificado tende a assegurar boas perspectivas de ingresso destes jovens no mercado de trabalho concelhio, sobretudo nas actividades e profissões do sector terciário.

No âmbito do ensino universitário, está em estudo a abertura duma Escola Superior de Enfermagem (em Alverca), e de uma Escola Superior de Ciências Sociais e do Ambiente (na Póvoa de Santa Iria).

A nível das escolas profissionais, que oferecem uma formação mais técnica, alternativa à formação escolar tradicional, não existe, actualmente, nenhuma escola no Concelho. Está em apreciação a possibilidade de abertura de uma Escola com cursos nas áreas da agricultura e do ambiente.

O concelho de Vila Franca de Xira conta, ainda, com um Centro de Formação Profissional da Rede de Gestão Directa do IEFP que, em cerca de 30 anos de existência, dedicou 20 anos de trabalho ao curso de formação de metalurgia e metalomecânica. Porém, com o fecho das empresas de metalomecânica e seguindo as tendências do mercado, o Centro teve de se adaptar a novas necessidades mais ligadas ao crescimento das actividades terciárias, com oferta de novos cursos dirigidos a perfis profissionais dessas actividades<sup>4</sup>.

Paralelamente à diversificação dos cursos ministrados, o número de formandos atingidos pela formação profissional, inicial e contínua, tem aumentado o que é positivo se se considerar que a população abrangida foi alargada, predominando ligeiramente o sexo feminino.

A oferta formativa do Concelho é, no entanto, avaliada de forma negativa por parte das empresas, sobretudo pelas actividades industriais ainda dominantes. Segundo os empresários inquiridos, a formação existente é insuficiente quer pelo número e tipo de cursos, quer pela qualidade dos mesmos (considerados excessivamente

---

<sup>4</sup> A identificação das necessidades surge indirectamente através da colaboração com o Centro de Emprego e, directamente, através do contacto com as empresas que recorrem ao CFP.

teóricos) e observa-se mesmo desconhecimento acerca da oferta de formação do Concelho. A colaboração entre as empresas e as escolas secundárias nem sempre é fácil pois, apesar de terem manifestado o seu interesse em receber os alunos estagiários dos cursos tecnológicos nem sempre tem sido possível concretizar essa disponibilidade.

O mercado de trabalho de Vila Franca de Xira revela, assim, algumas dificuldades em compatibilizar a procura e a oferta de qualificações, situação demonstrada pela manutenção dos níveis de desemprego, face a uma oferta crescente de novos postos de trabalho, com particular destaque para as áreas dos serviços, da restauração e da indústria.

Ao nível do sector secundário, a carência de técnicos intermédios constitui mesmo uma falha particularmente grave em termos de mão-de-obra disponível no Concelho, especialmente quando os perfis profissionais identificados pelas empresas como estando em expansão e de difícil recrutamento se concentram na área produtiva das empresas e têm a ver com formações mais técnicas – electricista, ladrilhador, mecânico, estucador, controlador de qualidade, ... . Esta situação de carência tende a agravar-se pelo facto de a mão-de-obra empregada começar a ter idade avançada e precisar de ser renovada.

A dificuldade em recrutar candidatos deve-se, essencialmente, à imagem negativa que está associada a estas actividades, apesar das melhorias operadas neste sector (p.e., prática de bons salários e oferta de melhores condições de trabalho), nem sempre chegam aos públicos-alvo atráiveis. A evolução futura do principal sector empregador do Concelho adivinha-se difícil, sobretudo, porque o número de candidatos se apresenta cada vez mais limitado para estes segmentos de emprego, independentemente da formação ou qualificação dos candidatos.

## **2.5 QUALIDADE DE VIDA URBANA E COESÃO SOCIAL**

A transformação orientada do território responde, quase sempre, a necessidades que visam colmatar lacunas diversas no campo social, económico e cultural. Tomada nesta acepção é justo classificar as mudanças que se operam como contributos positivos para a qualificação do quadro de vida dos residentes ou, de um modo mais amplo, dos utilizadores daquele espaço.

Este princípio está, no entanto, pouco ajustado à realidade porque não considera e não integra a natureza sistémica das intervenções temporais, isto é, para além da bondade que comanda a materialização de infra-estruturas ou a construção de zonas de actividades, entre outras possíveis, está implicado nessas decisões/realizações um universo vasto de impactos em sectores muitas vezes afastados e não directamente relacionados.

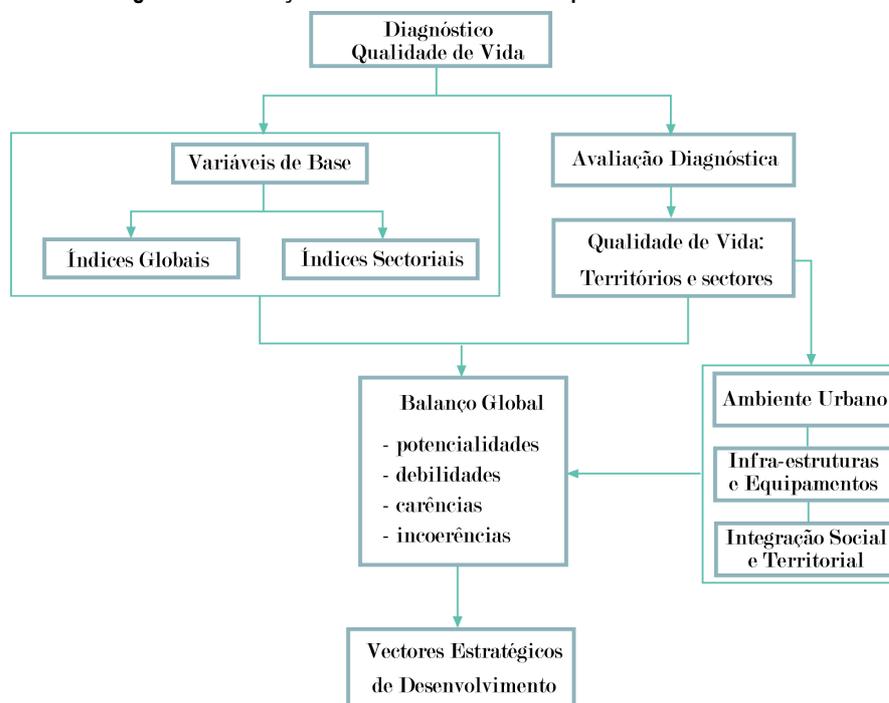
Tendo presente o crescimento demográfico e urbano a que o Concelho foi submetido, passando pelo processo de reconfiguração económica e pela dificuldade de integração de grupos sociais diferenciados, Vila Franca de Xira tem de assumir como um desafio arrojado e difícil, mas absolutamente necessário, a gradual melhoria do quadro de vida dos utilizadores do seu território com a certeza de que neste campo não há vitórias definitivas pois o processo da qualificação é contínuo, à semelhança das transformações sociais.

O desajustamento produzido pelo ritmo a que se processam as mudanças deixa, todavia, marcas profundas na incapacidade de arquitectar em tempo real uma oferta adequada ao volume e qualidade da procura emergente (social, económica e cultural). A personalidade múltipla que caracteriza territorialmente o Concelho lança um maior grau de complexidade sobre esta questão. As distinções dicotómicas Norte-Sul e Este-Oeste, que reflectem diferentes ocupações e a variedade das actividades e usos do solo que se manifestam no Concelho, geram uma imagem demasiado dispersiva, desfocando-a e subtraindo-lhe sentido e legibilidade, que se traduz em profundas diferenças entre as duas margens do Rio e clivagens entre o mundo rural e a Cidade. Desde a agricultura, à indústria, às vastas áreas densamente urbanizadas, até às grandes infra-estruturas rodó e ferroviárias, à presença do rio ou à condução de abastecimento de água à capital, a coexistência destes e outros elementos são factores que introduzem dificuldades adicionais à gestão do território, mas, também, à sua reabilitação, em especial, nos domínios associados à qualidade de vida.

O facto desta coexistência não ser pacífica e não serem reconhecidos quaisquer direitos históricos a cada um dos usos, conduz a que as tensões se vão progressivamente instalando. A não resolução destas tensões tende a funcionar como elemento perturbador do quadro de vida dos utilizadores do espaço concelhio e como acelerador de um crescimento marcado pela ausência de sentido identitário.

O desenho da articulação e composição, no que se entende por qualidade de vida e atendendo aos conceitos expostos encontra-se representado no Diagrama seguinte.

**Figura 6 : Articulação sistémica do conceito de qualidade de vida urbana**

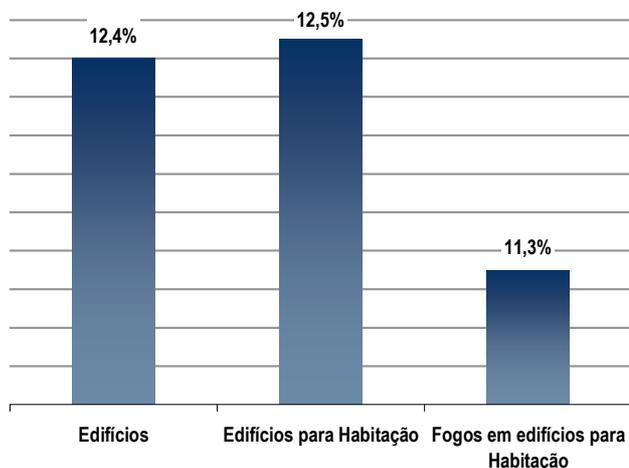


Esta visão sistémica da intervenção no âmbito de um conceito tão qualitativo e imaterial remete para a importância, no caso deste Concelho, de três dimensões fundamentais: ambiente urbano; infra-estruturas e equipamentos; integração social e territorial.

Uma das mais óbvias dimensões do que vulgarmente se entende por ambiente urbano diz respeito às modalidades adoptadas para a expansão urbana, aqui consideradas no seu formato mais alargado, isto é, na relação com o património pré-existente, com outros usos não residenciais do espaço e ainda com os prolongamentos naturais da função habitacional (espaços públicos, equipamentos, acessibilidades, etc.), predominantemente comandados por promotores imobiliários.

Neste momento, mais que apresentar novamente os dados que demonstram a implosão urbana do Concelho, sobretudo do seu segmento sul, será mais pertinente mostrar que essa tendência parece persistir dado que o Concelho continua a absorver mais de um décimo das construções novas, para habitação ou não, verificadas na Grande Lisboa, em 2000.

Figura 7: Peso das novas construções em Vila Franca de Xira na Grande Lisboa



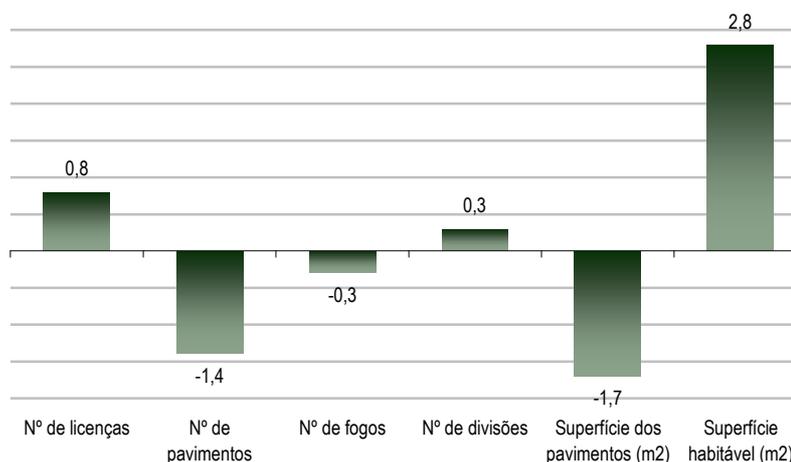
Fonte: INE, Anuário Estatístico— Lisboa e Vale do Tejo, 2001.

Face à persistência do fenómeno imobiliário, justifica-se a preocupação de conhecer a evolução das práticas construtivas, isto é, que valores estão a ser incorporados pelas promoções imobiliárias, porquanto dessa percepção resultam sinais quanto ao tipo de território que se está a construir.

Num período de análise significativo (1994-1998) algumas variáveis relacionadas com a habitação traduzem, com clareza, modificações importantes na concepção do espaço doméstico que por seu turno reflectem a emergência de novos padrões

de consumo e uso do fogo.

Figura 8: Características dos licenciamentos 1994-1998



Fonte: INE, Pressão construtiva – Áreas Metropolitanas, vol. 1, Lisboa, 2000.

Os licenciamentos no Concelho neste intervalo de tempo revelam que:

- apesar das licenças de construção terem aumentado, o crescimento em altura tem cedido lugar a uma tendência para formas arquitectónicas mais contidas como acontece com as moradias em banda ou unifamiliares;

- abrandou a promoção de fogos não sendo para já possível saber se esse facto foi causa ou consequência do outro fenómeno emergente neste intervalo de tempo relativo ao aumento do número médio de divisões por fogo;
- relacionado com o facto anterior está o alargamento da área habitável em cerca de 2,8%/ano, alertando para a tendência de ampliação do consumo de espaço habitacional por agregado familiar.

A existência de áreas críticas do ponto de vista sócio-urbanístico constitui um dos principais problemas da qualidade urbana. Um período prolongado de ocupação intensa e instalação precária alimentou os problemas relacionados e derivados da elevada concentração residencial e populacional. Esta situação associa-se, sobretudo, aos bairros sociais, bairros de barracas e aos bairros clandestinos.

Este tipo de problemas é, em primeira instância, essencialmente provocado por situações de elevada densidade populacional e urbana, a que se juntam algumas deficiências de ordenamento do território. É, assim, fácil perceber a razão pela qual este Concelho, embora não se situando no topo da lista dos mais problemáticos, apresenta este tipo de áreas críticas, as quais, obviamente, não podem deixar de ser tomadas em consideração, de forma muito séria.

A produção de alojamento tem apresentado ritmos de crescimento bem superiores às taxas de crescimento da população para os mesmos períodos de tempo, num contexto em que cresce a urgência em consolidar áreas críticas de urbanização desqualificada e de estruturar áreas em crescimento ou em reestruturação, processos intimamente ligados à desqualificação social do território urbano. A criação de um observatório local para o acompanhamento destes problemas, proposta no PROT-AML, permitiria apreciar “a importância deste sector como factor de qualidade de vida, equidade e coesão social”, chaves para um desenvolvimento muito mais qualificado e sustentado.

Embora com mais dificuldade em serem tomados como exemplo devido à ausência de observações sistemáticas e quantificadas, os serviços urbanos, também, padecem de algum desajustamento face às necessidades crescentes. Não é suficiente fazer referência ao facto de a electrificação pública ter chegado a todos os lugares ou a recolha de resíduos sólidos urbanos estar implantada a 100%, se os problemas se avolumam com a prolongada demora na substituição ou reparação do material degradado, ou com a inexistência de recolhas separadas e atempadas dos resíduos.

A tudo isto acresce a ocorrência de dois mundos com dinâmicas diferenciadas, cada um com exigências específicas, para o que há que encontrar estratégias de satisfação ajustadas:

- As freguesias da Póvoa de Santa Iria, do Forte da Casa, de Vialonga e de Alverca, registam ainda hoje pressões imobiliárias fortes que podem continuar a ampliar a população existente. Ao mesmo

tempo regista-se a contracção do espaço industrial tradicional que está a ser substituído por empresas de logística ou por novos projectos imobiliários.

- As restantes freguesias, exceptuando talvez as que são influenciadas pela cidade de Vila Franca, registam menores mudanças urbano/demográficas mas não são imunes ao processo de transformação em curso. A pressão para a primeira e segunda habitação de residentes de Vila Franca em pequenos lugares a curta distância da Cidade e da auto-estrada do Norte tende a conduzir ao aumento de exigência em determinados aspectos (ambientais, paisagísticos, ...).

A falta de qualidade nos serviços urbanos, a inexistência de espaços públicos dignos e disseminados pela vizinhança das habitações, passíveis de serem usados e partilhados, a carência de equipamentos de lazer que proporcionem e intensifiquem os contactos interpessoais, fundamentais para a construção de laços entre a comunidade residente e o território que ocupam, são um quadro que não tem parado de aprofundar-se e generalizar-se espacialmente.

Como sempre sucede em espaços pouco vividos e, por isso, menos controlados, o sentimento de insegurança cresce exponencialmente, o que tem como efeito líquido o aprofundamento do alheamento e indiferença dos residentes pelo espaço exterior deixando terreno livre para o exercício da criminalidade.

A recuperação de situações de degradação social e urbano é um processo moroso, complexo dado que as condições externas não param de se agravar, como demonstram os problemas de coesão social, com origem nas dificuldades de integração das minorias étnicas ou de comunidades tradicionalmente marginalizadas.

A questão ambiental, aplicada à ocupação urbana do solo, constitui um dos elementos mais interessante para proceder à avaliação do estado local da qualidade de vida. E é, também, nesta vertente que o processo de recomposição sócio-territorial em curso tem deixado as suas marcas, quer por aquilo que tem modificado, quer pela ausência de intervenção.

Se no abastecimento de água a situação parece apresentar condições aceitáveis, no que respeita ao estado da drenagem e tratamento de águas residuais já se poderão apontar graves problemas com implicações preocupantes noutras dimensões da vida humana. A Câmara está ciente de que os aglomerados com mais de 2000 habitantes não beneficiam de qualquer tipo de tratamento, apesar de servidos por uma rede de drenagem, pelo que se verifica o descarregamento dos esgotos recolhidos directamente nas linhas de água, o que tende a gerar situações críticas de poluição dos recursos hídricos do Concelho.

Quanto à qualidade do ar, o facto de Vila Franca se apresentar como um concelho “às fatias” e servir de corredor para múltiplas funções, não deixa de se reflectir neste domínio agravando-se com a expansão do parque habitacional e o aumento do nível médio de exigência das comunidades residentes. Quer por via do trânsito

rodoviário, quer por via do eixo industrial, a degradação do ar surge como mais importante no prolongamento de toda a faixa compreendida entre a A1 e o Rio Tejo, no caso da zona norte do Concelho devido à presença da central termoelétrica do Carregado, de Alhandra por causa da localização da Cimpor e na Póvoa de Santa Iria pelas emissões com origem na Solvay, numa área onde se tem acentuado a tensão entre o uso industrial e a função residencial.

No que respeita à higiene urbana, elemento que é percepcionado como estruturador da imagem do ambiente urbano, a situação afigura-se como grave e indicadora de uma menor capacidade para lidar com os problemas derivados do aumento exponencial da habitação e, sobretudo, com os níveis de resíduos sólidos domésticos produzidos por uma população com maiores níveis aquisitivos. O Plano Estratégico do Ambiente (Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2000) refere de modo directo que *“tendo o Concelho atingido o patamar dos 100% nos níveis de atendimento, os principais problemas relacionados com a gestão dos resíduos são agora a falta de capacidade de recolha selectiva, o constante aumento da produção de RSU, a inexistência de soluções de valorização, e a dispersão por todo o território concelhio de numerosas lixeiras resultantes de deposição ilegal e não controlada de resíduos”* (p.7).

## ANEXO DEMOGRÁFICO

**Quadro 3: Evolução da densidade populacional na sub-região Grande Lisboa, entre 1981 e 2001**

Unidade Geográfica	População Residente		Área (Km <sup>2</sup> )	Densidade Populacional (hab/Km <sup>2</sup> )	
	1991	2001		1991	2001
<b>AML</b>	<b>2540276</b>	<b>2682687</b>	<b>3172,8</b>	<b>800,6</b>	<b>845,5</b>
Grande Lisboa	1880215	1947261	1381,6	1360,9	1409,5
Cascais	153294	170683	97,2	1576,7	1755,6
Lisboa	663394	564657	84,6	7839,5	6672,7
Loures	192143	199059	169,0	1136,6	1177,5
Oeiras	151342	162128	45,8	3301,5	3536,8
Sintra	260951	363749	319,4	817,1	1138,9
Vila Franca de Xira	103571	122908	323,5	320,2	379,9
Amadora	181774	175872	23,8	7637,9	7389,9
Odivelas	130015	133847	26,6	4883,0	5026,9
Mafra	43731	54358	291,5	150,0	186,5

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População;

**Quadro 4: Evolução da Densidade Populacional do concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, entre 1991 e 2001**

Freguesias	Área (Km <sup>2</sup> )	Densidade Populacional (Hab./Km <sup>2</sup> )	
		1991	2001
Alhandra	1,651	4327	4364
Alverca do Ribatejo	17,893	1351	1626
Cachoeiras	9,843	74	78
Calhandriz	7,122	116	119
Castanheira do Ribatejo	15,276	399	475
Póvoa de Santa Iria	3,953	3647	6141
São João dos Montes	17,991	197	245
Vialonga	17,518	787	883
Vila Franca de Xira	193,247	96	95
Sobralinho	4,61	741	903
Forte da Casa	4,78	2298	2297
<b>Concelho de Vila Franca de Xira</b>	<b>293,884</b>	<b>352</b>	<b>418</b>

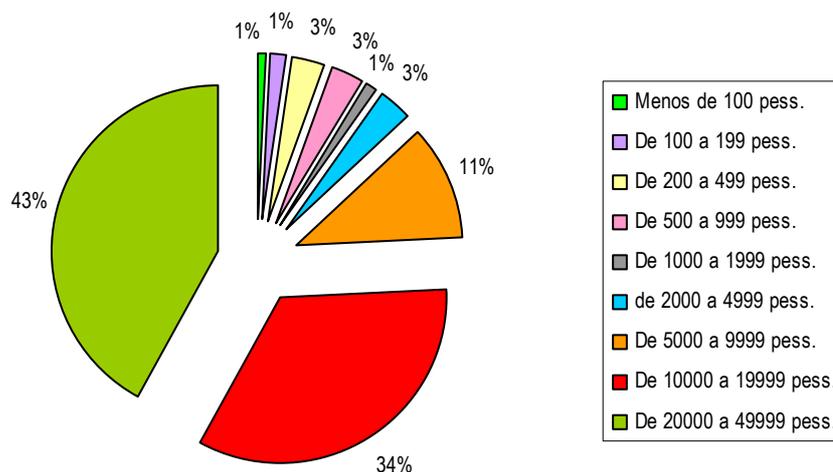
Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População

**Quadro 5: Evolução da população residente por dimensão dos lugares, no concelho de Vila Franca de Xira, entre 1991 e 2001**

Escalaões de Dimensão	1991			2001		
	N.º Lugares	População Residente	%	N.º Lugares	População Residente	%
Menos de 100 hab.	21	1089	1,1	19	998	0,8
De 100 a 199 hab.	12	1849	1,8	12	1802	1,5
De 200 a 499 hab.	12	3796	3,7	13	3958	3,2
De 500 a 999 hab.	4	2952	2,9	5	3536	2,9
De 1000 a 1999 hab.	1	1055	1,0	1	1426	1,2
De 2000 a 4999 hab.	2	8129	7,8	1	4163	3,4
De 5000 a 9999 hab.	1	7120	6,9	2	12896	10,5
De 10000 a 19999 hab.	4	53287	51,4	3	40402	32,9
De 20000 a 49999 hab.	1	21934	21,2	2	49790	40,5
População Residual/Isolada	0	2360	2,3	0	3937	3,2
<b>Total Concelho</b>	<b>58</b>	<b>103571</b>	<b>100,0</b>	<b>58</b>	<b>122908</b>	<b>100,0</b>

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População, 1991 e 2001

**Figura 9: Distribuição da População Residente no concelho de Vila Franca de Xira, segundo a dimensão dos lugares, em 2001**



Fonte: INE-Portugal, Censos 2001

**Quadro 6: Contribuição de cada freguesia para o total da população residente no concelho de Vila Franca de Xira, em 1991 e 2001**

Freguesias	1991		2001	
	Total	%	Total	%
Alhandra	7144	6,9	7205	5,9
Alverca do Ribatejo	24168	23,3	29086	23,7
Cachoeiras	727	0,7	769	0,6
Calhandriz	823	0,8	847	0,7
Castanheira do Ribatejo	6088	5,9	7258	5,9
Póvoa de Santa Iria	14417	13,9	24277	19,8
São João dos Montes	3536	3,4	4409	3,6
Vialonga	13780	13,3	15471	12,6
Vila Franca de Xira	18487	17,8	18442	15,0
Sobralinho	3418	3,3	4165	3,4
Forte da Casa	10983	10,6	10979	8,9
<b>Concelho Vila Franca de Xira</b>	<b>103571</b>	<b>100,0</b>	<b>122908</b>	<b>100,0</b>

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População 1991 e 2001

**Quadro 7: Evolução da população residente nos concelhos na Grande Lisboa, entre 1981 e 2001**

Concelhos	População Residente		Variação (%) 91/2001
	1991	2001	
Cascais	153294	170683	11,3
Lisboa	663394	564657	-14,9
Loures	192143	199059	3,6
Mafra	43731	54358	24,3
Oeiras	151342	162128	7,1
Sintra	260951	363749	39,4
<b>Vila Franca de Xira</b>	<b>103571</b>	<b>122908</b>	<b>18,7</b>
Amadora	177167	175872	-0,7
Odivelas	130015	133847	2,9
<b>Grande Lisboa</b>	<b>1875618</b>	<b>1947261</b>	<b>3,8</b>

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População, 1991 e 2001

**Quadro 8: Evolução do peso demográfico dos concelhos da Grande Lisboa, entre 1981 e 2001**

Unidade Territorial	1991		2001	
	População Residente	Peso (%)	População Residente	Peso (%)
Cascais	153294	8,2	170683	8,8
Lisboa	663394	35,4	564657	29,0
Loures	192143	17,2	199059	10,2
Mafra	43731	2,3	54358	2,8
Oeiras	151342	8,1	162128	8,3
Sintra	260951	13,9	363749	18,7
Vila Franca de Xira	103571	5,5	122908	6,3
Amadora	177167	9,4	175872	9,0
Odivelas	130015	0,0	133847	6,9
<b>Grande Lisboa</b>	<b>1875618</b>	<b>100,0</b>	<b>1947261</b>	<b>100,0</b>

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População, 1991 e 2001

**Quadro 9: Evolução da população residente no concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, entre 1981 e 2001**

Freguesias	População Residente			Taxa de Variação (%)	
	1981	1991	2001	81/91	91/01
Alhandra	8079	7144	7205	-11,6	0,9
Alverca do Ribatejo	21100	24168	29086	14,5	20,3
Cachoeiras	777	727	769	-6,4	5,8
Calhandriz	836	823	847	-1,6	2,9
Castanheira do Ribatejo	5636	6088	7258	8,0	19,2
Póvoa de Santa Iria	8115	14417	24277	77,7	68,4
São João dos Montes	3418	3536	4409	3,5	24,7
Vialonga	10586	13780	15471	30,2	12,3
Vila Franca de Xira	19318	18487	18442	-4,3	-0,2
Sobralinho	2992	3418	4165	14,2	21,9
Forte da Casa	7336	10983	10979	49,7	0,0
<b>Concelho de Vila Franca de Xira</b>	<b>88193</b>	<b>103571</b>	<b>122908</b>	<b>17,4</b>	<b>18,7</b>

Fonte: INE- Portugal, Recenseamentos Gerais da População, 1981 a 2001

**Quadro 10: Variação do número e da dimensão média das famílias, no concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, entre 1991 e 2001**

Freguesias	Número de Famílias		Variação (%) 91/2001	Pessoas /Família	
	1991	2001		1991	2001
Alhandra	2506	2829	12,9	2,9	2,5
Alverca do Ribatejo	7853	10475	33,4	3,1	2,8
Cachoeiras	280	296	5,7	2,6	2,6
Calhandriz	251	317	26,3	3,3	2,7
Castanheira do Ribatejo	1954	2885	47,6	3,1	2,5
Póvoa de Santa Iria	4711	8404	78,4	3,1	2,9
São João dos Montes	1206	1610	33,5	2,9	2,7
Vialonga	4094	5201	27,0	3,4	3,0
Vila Franca de Xira	6435	7222	12,2	2,9	2,6
Sobralinho	1170	1538	31,5	2,9	2,7
Forte da Casa	3472	3851	10,9	3,2	2,9
<b>Concelho de Vila Franca de Xira</b>	<b>33933</b>	<b>44628</b>	<b>31,5</b>	<b>3,1</b>	<b>2,8</b>

(\*) Famílias Clássicas + Famílias Institucionais

Fonte: INE- Portugal, Recenseamentos Gerais da População e da Habitação, 1991 e 2001

**Quadro 11: Indicadores Demográficos**

Indicador	1981	1996	2001
<b>TAXA DE NATALIDADE (‰)</b>			
Vila Franca de Xira	15,1	11,8	13,0
Grande Lisboa	-	11,0	11,9
Lisboa e Vale do Tejo	-	10,7	11,4
<b>TAXA DE MORTALIDADE (‰)</b>			
Vila Franca de Xira	7,2	8,2	7,5
Grande Lisboa	-	10,4	9,8
Lisboa e Vale do Tejo	-	10,9	1,2

Fonte: PDM em vigor; INE-Portugal, Anuários Estatísticos da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 1997 e 2002.

**Quadro 12 : Evolução da Taxa de Fecundidade, no concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, entre 1991 e 2001**

Unidade Territorial	Taxa de Fecundidade (%)							
	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	2001
Alhandra	3,71	3,4	4,16	3,61	3,51	5,07	4,89	3,25
Alverca	4,2	3,97	4,24	4,05	4,09	4,81	4,18	4,32
Cachoeiras	3,29	3,87	0,64	1,96	4,58	4,61	2,72	5,65
Calhandriz	2,87	5,17	6,94	4,05	2,31	5,75	4,57	3,48
Castanheira	4,43	4,54	4,05	4,01	3,19	4,46	4,09	5,21
Póvoa	4,77	4,53	5,47	4,07	4,21	4,81	5,89	5,09
S.J.Montes	3,87	4,4	3,05	2,94	3,78	4,41	5,22	4,55
Vialonga	4,18	3,83	3,71	3,83	3,53	3,77	3,47	4,52
V.F. Xira	4,85	4,63	3,8	3,89	4	4,14	3,82	3,67
Sobralino	3,77	3,79	4,57	6,08	5,61	5,92	5,13	5,39
F. Casa	3,49	3,18	3,4	2,84	3,02	3,18	2,8	3,91
<b>Concelho</b>	<b>4,26</b>	<b>4,02</b>	<b>4,14</b>	<b>3,84</b>	<b>3,83</b>	<b>4,39</b>	<b>4,2</b>	<b>4,5</b>

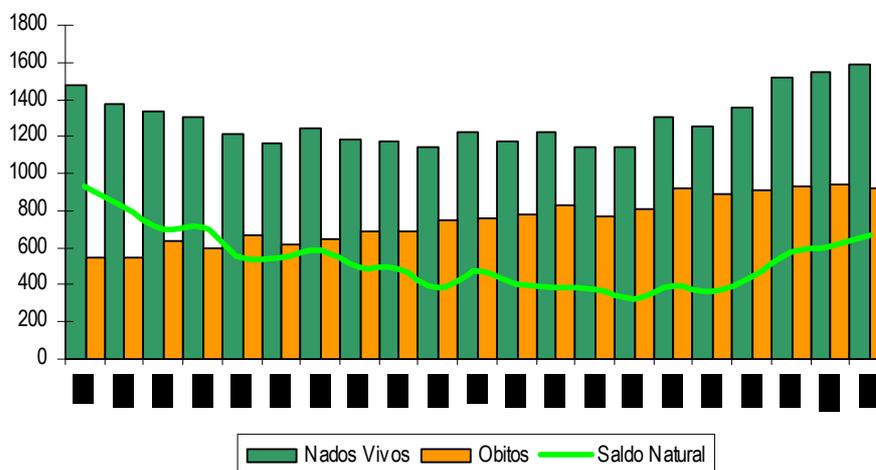
Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

**Quadro 13: Nados-vivos, Óbitos e Saldo Natural, no concelho de Vila Franca de Xira, entre 1981 e 2001**

	Concelho de Vila Franca de Xira																				
	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
N.º Nados Vivos	1476	1371	1334	1304	1217	1162	1242	1183	1177	1140	1228	1176	1222	1140	1140	1306	1253	1352	1512	1544	1591
N.º Óbitos	550	549	637	599	669	619	652	688	690	752	755	774	833	766	813	916	893	908	934	941	919
Saldo Natural	926	822	697	705	548	543	590	495	487	388	473	402	389	374	327	390	360	444	578	603	672

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

**Figura 10: Nados-vivos, Óbitos e Saldo Natural, no concelho de Vila Franca de Xira, entre 1981 e 2001**



Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

**Quadro 14: População Residente e Componentes do Crescimento Demográfico, 1991-2001**

Unidade Territorial	População 1991		População 2001		Crescimento Efectivo		Crescimento Natural		Crescimento Migratório	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Portugal	9862670	100	10318084	100	450937	4.6	89834	0.9	361103	3.7
Lisboa e Vale do Tejo	3290795		3447173		156400	4.6	17300	0.5	139100	4.2
Grande Lisboa	1880185	100	1932291	100	52100	2.8	23300	1.2	28700	1.5
Amadora	181744	9,7	174788	9,0	-7000	-3.8	7400	4.0	-14300	-7.9
Cascais	153294	8,2	168827	8,7	15500	10.1	4400	2.9	11100	7.2
Lisboa	663394	35,3	556797	28,8	-106600	-16.1	-32300	-4.9	-74300	-11.2
Loures	192143	10,2	198685	10,3	6500	3.4	7900	4.1	-1400	-0.7
Mafra	43731	2,3	54285	2,8	10600	24.1	-400	-0.9	10900	25.0
Odivelas	130015	6,9	132971	6,9	3000	2.3	5600	4.3	-2600	-2.0
Oeiras	151342	8,0	160147	8,3	8800	5.8	4200	2.8	4600	3.1
Sintra	260951	13,9	363556	18,8	102600	39.3	22300	8.5	80400	30.8
<b>Vila Franca de Xira</b>	<b>103571</b>	<b>5,5</b>	<b>122235</b>	<b>6,3</b>	<b>18700</b>	<b>18,0</b>	<b>4300</b>	<b>4,2</b>	<b>14300</b>	<b>13,8</b>

Fonte: INE-Portugal, Censos 2001/ Resultados Preliminares (Destaque do INE/ Informação à Comunicação Social, 26/6/2001)

**Quadro 15: Variação da estrutura etária da população residente no Grande Lisboa, entre 1991 e 2001 (%)**

Unidade Territorial	1991			2001		
	0 -14	15-64	>65	0 -14	15-64	>65
Cascais	24,6	66,9	8,5	15,1	69,8	15,1
Lisboa	18,9	66,8	14,3	11,6	64,8	23,6
Loures	26,8	67,2	6,0	15,8	71,9	12,3
Mafra	23,3	64,9	11,8	16,1	68,3	15,6
Oeiras	26,0	66,9	7,1	14,0	71,1	14,9
Sintra	26,1	66,6	7,3	18,1	71,6	10,3
<b>Vila Franca de Xira</b>	<b>26,1</b>	<b>66,4</b>	<b>7,5</b>	<b>16,5</b>	<b>72,4</b>	<b>11,1</b>
Amadora	26,1	67,8	6,1	14,9	71,1	14,0
Odivelas	a)	a)	a)	14,8	73,2	12,0
<b>Grande Lisboa</b>	<b>23,0 b)</b>	<b>66,9 b)</b>	<b>10,1 b)</b>	<b>14,7</b>	<b>69,5</b>	<b>15,8</b>

a) Está incluído no valor de Loures; b) Não inclui Mafra

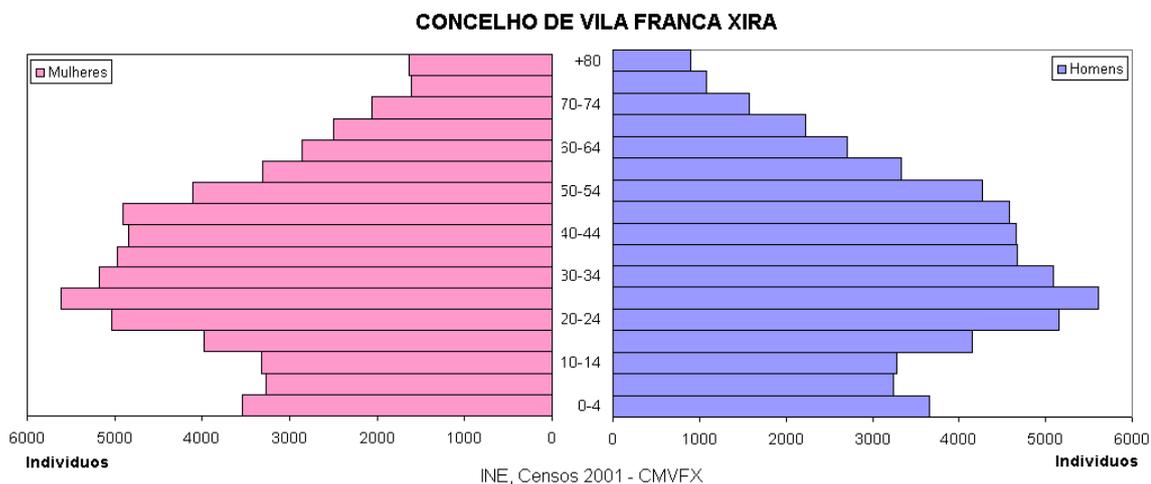
Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População, 1991 e 2001.

**Quadro 16: Estrutura Etária da População do concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, em 2001**

Freguesias	0 –14 anos		15 – 19 anos		> 65 anos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Alhandra	970	13,5	4826	67,0	1409	19,6
Alverca do Ribatejo	4526	15,6	21335	73,4	3225	11,1
Cachoeiras	96	12,5	507	65,9	166	21,6
Calhandriz	106	12,5	567	66,9	174	20,5
Castanheira do Ribatejo	1188	16,4	5205	71,7	865	11,9
Póvoa de Santa Iria	4891	20,1	17938	73,9	1448	6,0
São João dos Montes	662	15,0	3064	69,5	683	15,5
Vialonga	2740	17,7	11366	73,5	1365	8,8
Vila Franca de Xira	2644	14,3	12672	68,7	3126	17,0
Sobralinho	732	17,6	2965	71,2	468	11,2
Forte da Casa	1743	15,9	8579	78,1	657	6,0
<b>Concelho de Vila Franca de Xira</b>	<b>20298</b>	<b>16,5</b>	<b>89024</b>	<b>72,4</b>	<b>13586</b>	<b>11,1</b>

Fonte: INE - Portugal, Censos 2001

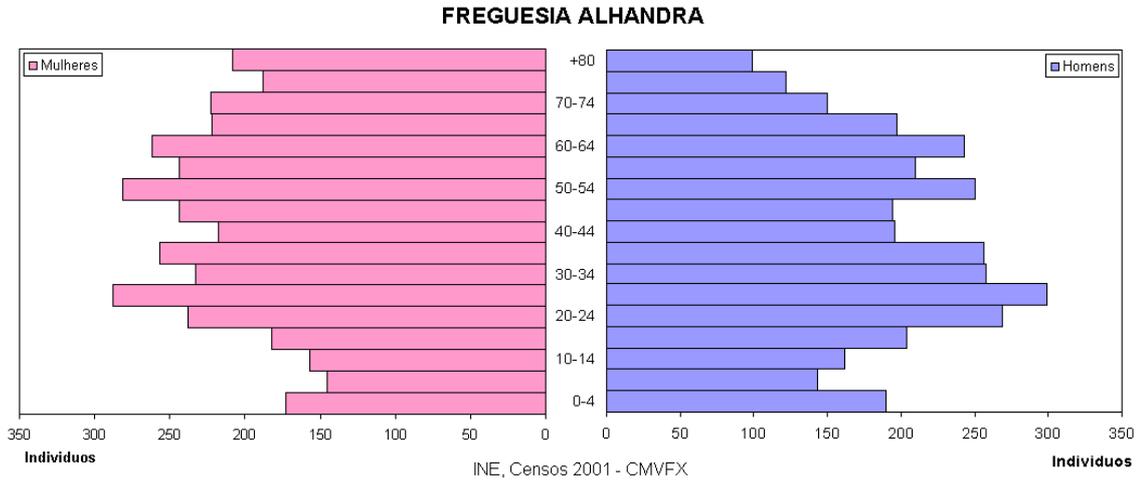
Figura 11: Estrutura Etária do concelho de Vila Franca de Xira, em 2001



	HM	H	M
0-4	7190	3653	3537
5-9	6506	3242	3264
10-14	6602	3278	3324
15-19	8125	4148	3977
20-24	10191	5157	5034
25-29	11229	5614	5615
30-34	10277	5095	5182
35-39	9645	4673	4972
40-44	9499	4659	4840
45-49	9486	4575	4911
50-54	8370	4264	4106
55-59	6636	3326	3310
60-64	5566	2702	2864
65-69	4727	2224	2503
70-74	3637	1581	2056
75-79	2687	1077	1610
+80	2535	904	1631
<b>Total</b>	<b>122908</b>	<b>60172</b>	<b>62736</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

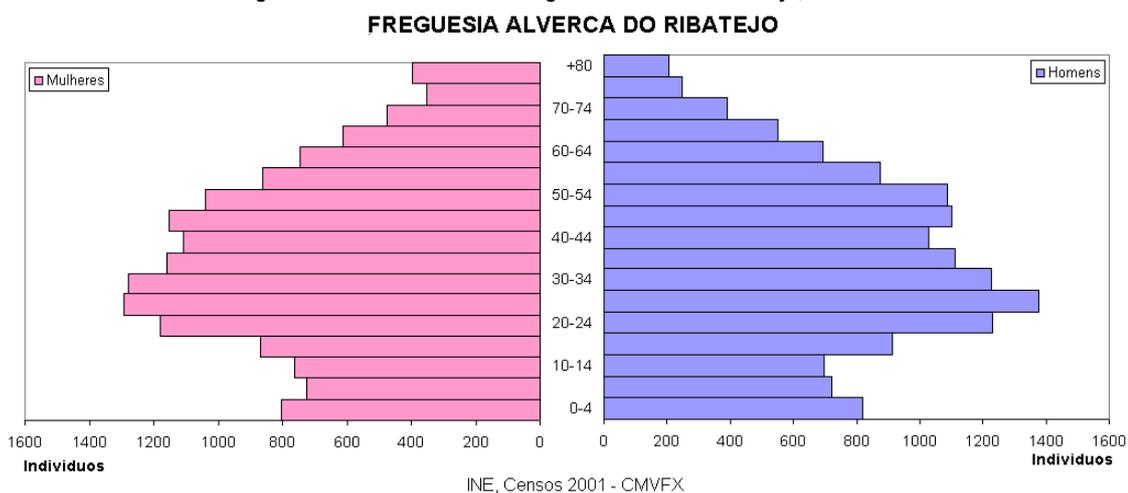
Figura 12: Estrutura Etária da freguesia de Alhandra, em 2001



	HM	H	M
0-4	363	190	173
5-9	288	143	145
10-14	319	162	157
15-19	386	204	182
20-24	507	269	238
25-29	587	299	288
30-34	491	258	233
35-39	513	256	257
40-44	414	196	218
45-49	438	194	244
50-54	531	250	281
55-59	454	210	244
60-64	505	243	262
65-69	419	197	222
70-74	373	150	223
75-79	310	122	188
+80	307	99	208
<b>Total</b>	<b>7205</b>	<b>3442</b>	<b>3763</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

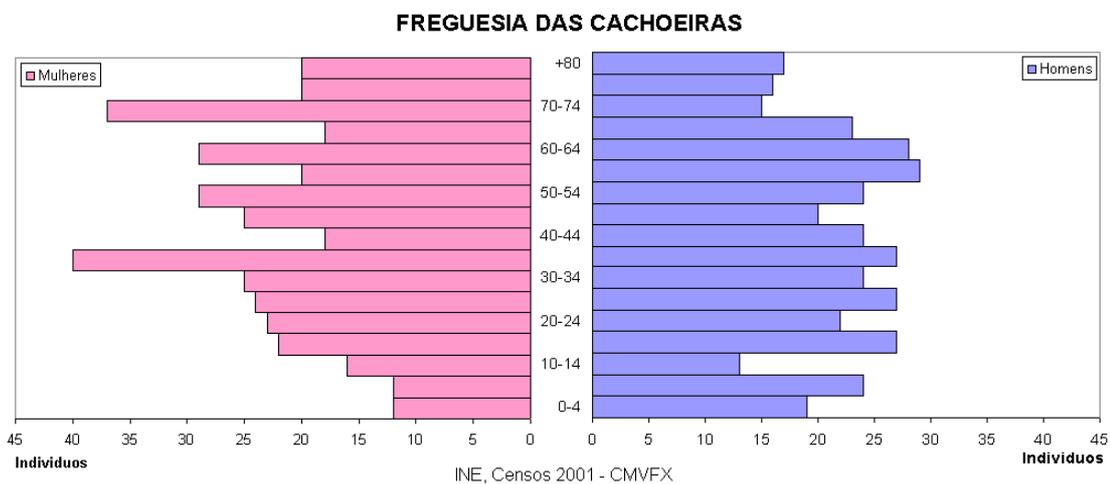
Figura 13: Estrutura Etária da freguesia Alverca do Ribatejo, em 2001



	HM	H	M
0-4	1622	818	804
5-9	1447	722	725
10-14	1457	696	761
15-19	1784	914	870
20-24	2408	1229	1179
25-29	2671	1377	1294
30-34	2504	1226	1278
35-39	2271	1113	1158
40-44	2138	1030	1108
45-49	2253	1101	1152
50-54	2128	1088	1040
55-59	1738	875	863
60-64	1440	695	745
65-69	1163	552	611
70-74	863	389	474
75-79	598	246	352
+80	601	204	397
<b>Total</b>	<b>29086</b>	<b>14275</b>	<b>14811</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

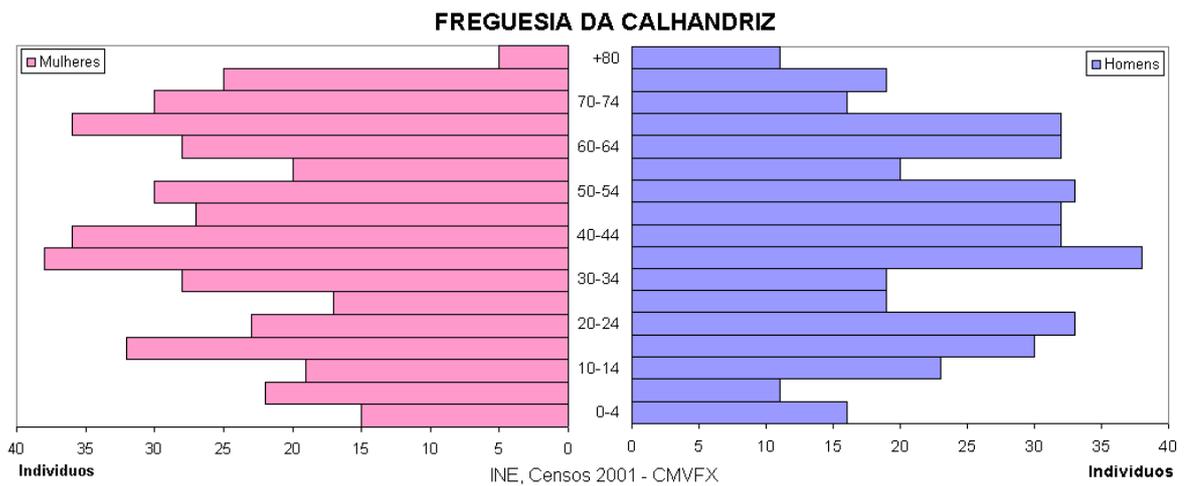
Figura 14: Estrutura Etária da freguesia de Cachoeiras, em 2001



	HM	H	M
0-4	31	19	12
5-9	36	24	12
10-14	29	13	16
15-19	49	27	22
20-24	45	22	23
25-29	51	27	24
30-34	49	24	25
35-39	67	27	40
40-44	42	24	18
45-49	45	20	25
50-54	53	24	29
55-59	49	29	20
60-64	57	28	29
65-69	41	23	18
70-74	52	15	37
75-79	36	16	20
+80	37	17	20
<b>Total</b>	<b>769</b>	<b>379</b>	<b>390</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

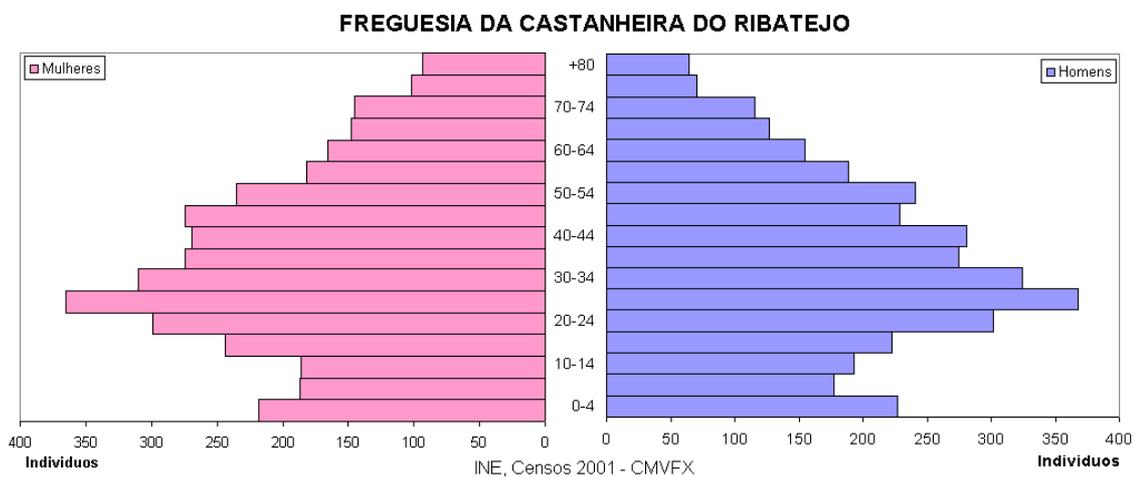
Figura 15: Estrutura Etária da freguesia de Calhandriz, em 2001



	HM	H	M
0-4	31	16	15
5-9	33	11	22
10-14	42	23	19
15-19	62	30	32
20-24	56	33	23
25-29	36	19	17
30-34	47	19	28
35-39	76	38	38
40-44	68	32	36
45-49	59	32	27
50-54	63	33	30
55-59	40	20	20
60-64	60	32	28
65-69	68	32	36
70-74	46	16	30
75-79	44	19	25
+80	16	11	5
<b>Total</b>	<b>847</b>	<b>416</b>	<b>431</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

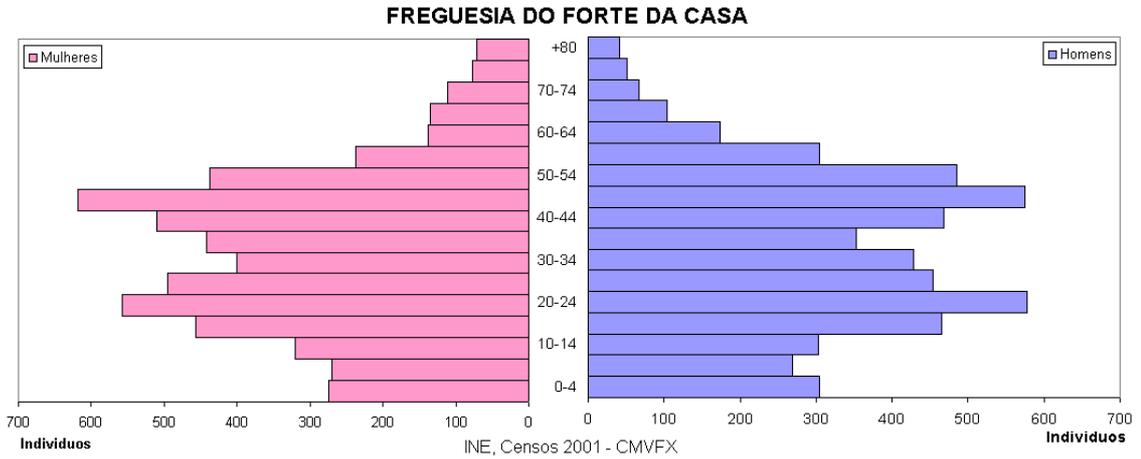
Figura 16: Estrutura Etária da freguesia de Castanheira do Ribatejo, em 2001



	HM	H	M
0-4	445	227	218
5-9	364	177	187
10-14	379	193	186
15-19	467	223	244
20-24	601	302	299
25-29	733	368	365
30-34	634	324	310
35-39	549	275	274
40-44	550	281	269
45-49	503	229	274
50-54	476	241	235
55-59	371	189	182
60-64	321	155	166
65-69	275	127	148
70-74	261	116	145
75-79	172	70	102
+80	157	64	93
<b>Total</b>	<b>7258</b>	<b>3561</b>	<b>3697</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

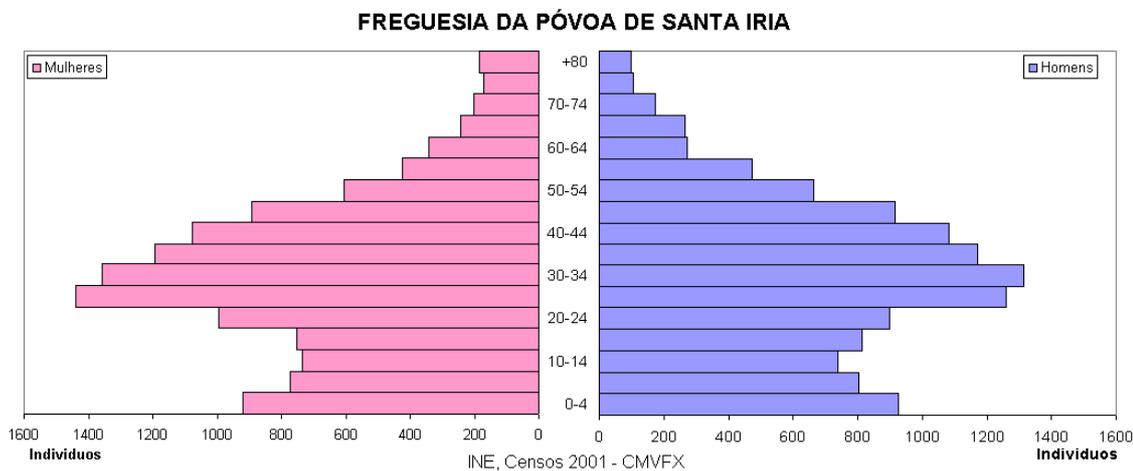
Figura 17: Estrutura Etária da freguesia de Forte da Casa, em 2001



	HM	H	M
0-4	580	305	275
5-9	539	269	270
10-14	624	303	321
15-19	922	465	457
20-24	1136	578	558
25-29	950	454	496
30-34	828	428	400
35-39	795	353	442
40-44	978	468	510
45-49	1193	575	618
50-54	922	485	437
55-59	543	305	238
60-64	312	174	138
65-69	239	104	135
70-74	178	67	111
75-79	128	51	77
+80	112	41	71
<b>Total</b>	<b>10979</b>	<b>5425</b>	<b>5554</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

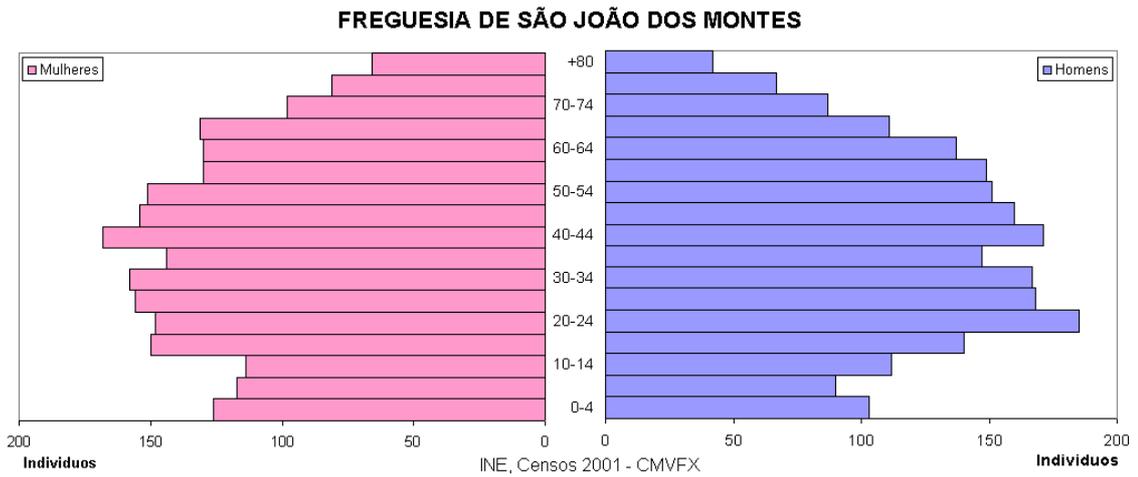
Figura 18: Estrutura Etária da freguesia de Póvoa de Santa Iria, em 2001



	HM	H	M
0-4	1843	925	918
5-9	1575	804	771
10-14	1473	739	734
15-19	1565	814	751
20-24	1893	899	994
25-29	2700	1260	1440
30-34	2671	1314	1357
35-39	2363	1171	1192
40-44	2158	1082	1076
45-49	1806	915	891
50-54	1270	664	606
55-59	896	473	423
60-64	616	274	342
65-69	507	265	242
70-74	377	174	203
75-79	279	107	172
+80	285	99	186
<b>Total</b>	<b>24277</b>	<b>11979</b>	<b>12298</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

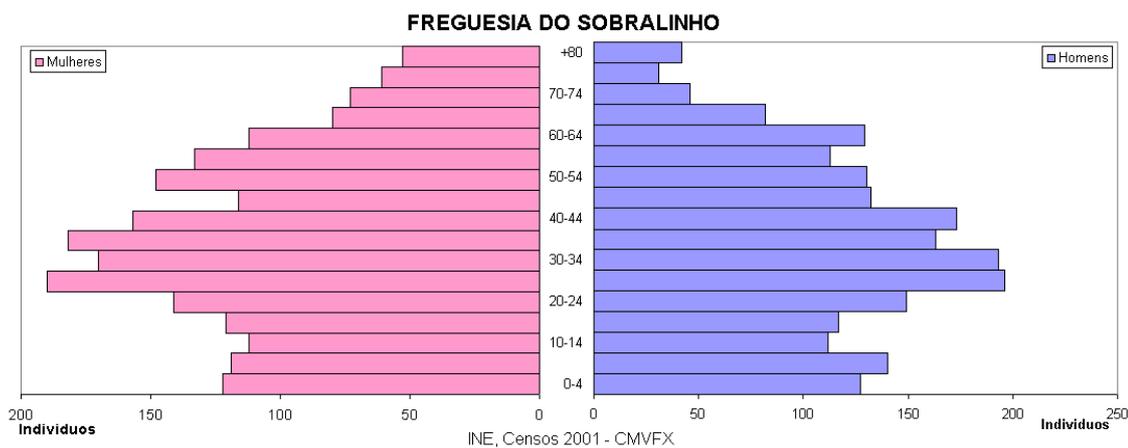
Figura 19: Estrutura Etária da freguesia de São João dos Montes, em 2001



	HM	H	M
0-4	229	103	126
5-9	207	90	117
10-14	226	112	114
15-19	290	140	150
20-24	333	185	148
25-29	324	168	156
30-34	325	167	158
35-39	291	147	144
40-44	339	171	168
45-49	314	160	154
50-54	302	151	151
55-59	279	149	130
60-64	267	137	130
65-69	242	111	131
70-74	185	87	98
75-79	148	67	81
+80	108	42	66
<b>Total</b>	<b>4409</b>	<b>2187</b>	<b>2222</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

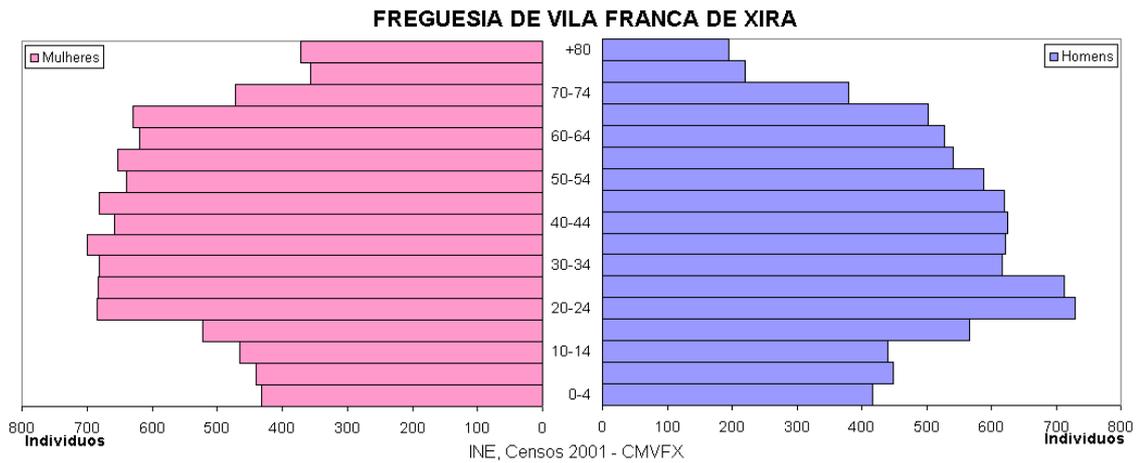
Figura 20 : Estrutura Etária da freguesia de Sobralinho, em 2001



	HM	H	M
0-4	249	127	122
5-9	259	140	119
10-14	224	112	112
15-19	238	117	121
20-24	290	149	141
25-29	386	196	190
30-34	363	193	170
35-39	345	163	182
40-44	330	173	157
45-49	248	132	116
50-54	278	130	148
55-59	246	113	133
60-64	241	129	112
65-69	162	82	80
70-74	119	46	73
75-79	92	31	61
+80	95	42	53
<b>Total</b>	<b>4165</b>	<b>2075</b>	<b>2090</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

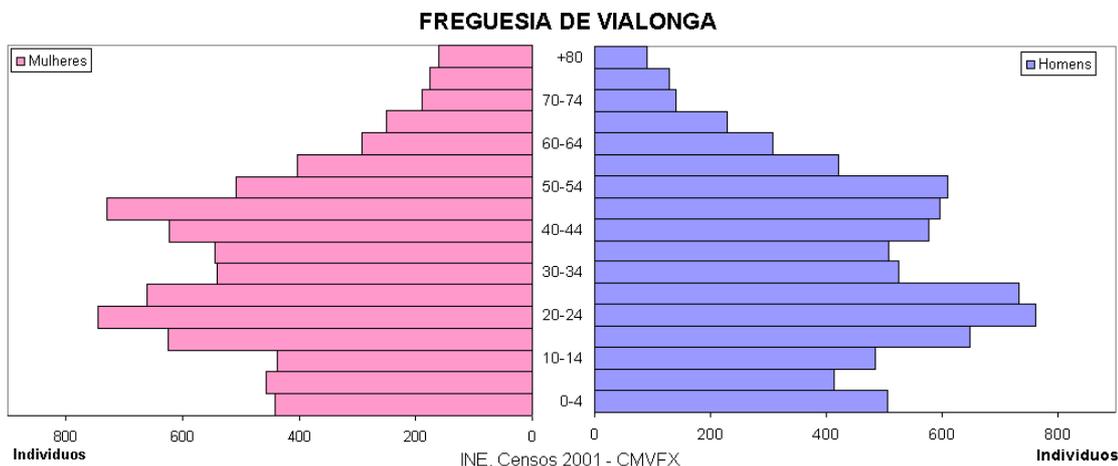
Figura 21: Estrutura Etária da freguesia de Vila Franca de Xira, em 2001



	HM	H	M
0-4	849	417	432
5-9	889	449	440
10-14	906	440	466
15-19	1089	566	523
20-24	1414	729	685
25-29	1396	713	683
30-34	1299	617	682
35-39	1322	622	700
40-44	1283	626	657
45-49	1301	620	681
50-54	1228	588	640
55-59	1194	541	653
60-64	1146	527	619
65-69	1132	503	629
70-74	852	380	472
75-79	576	220	356
+80	566	195	371
<b>Total</b>	<b>18442</b>	<b>8753</b>	<b>9689</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

Figura 22: Estrutura Etária da freguesia de Vialonga, em 2001



	HM	H	M
0-4	948	506	442
5-9	869	413	456
10-14	923	485	438
15-19	1273	648	625
20-24	1508	762	746
25-29	1395	733	662
30-34	1066	525	541
35-39	1053	508	545
40-44	1199	576	623
45-49	1326	597	729
50-54	1119	610	509
55-59	826	422	404
60-64	601	308	293
65-69	479	228	251
70-74	331	141	190
75-79	304	128	176
+80	251	90	161
<b>Total</b>	<b>15471</b>	<b>7680</b>	<b>7791</b>

Fonte: CMVFX – Departamento de Habitação e Urbanismo

**Quadro 17: Índices de evolução da estrutura etária nos concelhos do Grande Lisboa, 1991 e 2001**

Unidade Territorial	Dependência de Jovens		Dependência de Idosos		Dependência Total		Índice de Envelhecimento	
	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001
Cascais	26,2	21,7	16,5	21,6	42,6	43,3	63	99,8
Lisboa	21,2	17,9	28	36,4	49,2	54,4	132,1	203,4
Loures	28	22,0	11,4	17,0	39,4	39,1	40,7	77,4
Mafra	28,1	23,5	21,5	22,8	49,6	46,3	76,5	96,8
Oeiras	25,7	19,7	14,7	20,9	40,4	40,6	57,1	106,5
Sintra	27,4	25,3	12,9	14,3	40,3	39,7	47,2	56,5
<b>Vila Franca de Xira</b>	<b>30,2</b>	<b>22,8</b>	<b>12,8</b>	<b>15,3</b>	<b>43</b>	<b>38,1</b>	<b>42,3</b>	<b>66,9</b>
Amadora	26,9	21,0	12	19,7	38,9	40,7	44,7	93,8
Odivelas	a)	20,2	a)	16,4	a)	36,5	a)	81,1
<b>Grande Lisboa</b>	<b>25,2 b)</b>	<b>21,2</b>	<b>18,3 b)</b>	<b>22,7</b>	<b>43,5 b)</b>	<b>43,9</b>	<b>72,4 b)</b>	<b>107,3</b>

a) Está incluído no valor de Loures; b) Não inclui Mafra

Fonte: INE-Portugal, Alterações Demográficas nas Regiões Portuguesas entre 1981-1991, 1993; Valores obtidos a partir de cálculos próprios, com base nos Resultados Definitivos do XIV Recenseamento Geral da População, 2001, INE

**Quadro 18: Índices de evolução da estrutura etária, no concelho de Vila Franca de Xira, por freguesia, em 2001**

Freguesias	Dependência de Jovens	Dependência de Idosos	Dependência Total	Índice de Envelhecimento
Alhandra	20,1	29,2	49,3	145,3
Alverca do Ribatejo	21,2	15,1	36,3	71,3
Cachoeiras	18,9	32,7	51,7	172,9
Calhandriz	18,7	30,7	49,4	164,2
Castanheira do Ribatejo	22,8	16,6	39,4	72,8
Póvoa de Santa Iria	27,3	8,1	35,3	29,6
São João dos Montes	21,6	22,3	43,9	103,2
Vialonga	24,1	12,0	36,1	49,8
Vila Franca de Xira	20,9	24,7	45,5	118,2
Sobralinho	24,7	15,8	40,5	63,9
Forte da Casa	20,3	7,7	28,0	37,7
<b>Concelho de Vila Franca de Xira</b>	<b>22,8</b>	<b>15,3</b>	<b>38,1</b>	<b>66,9</b>

Fonte: Valores obtidos a partir de cálculos próprios, com base no XIV Recenseamento Geral da População, 2001, INE-Portugal